

ANDANTE

AIMÉE G.
BOLAÑOS



ANDANTE

Em *Andante* nada é impossível ou mentiroso, mesmo quando não aconteceu. Talvez mais verdadeiro por não ter acontecido. Sua poética da metafísica fantástica do concreto identifica o ser no mundo da poeta: viver requer unir o vivido e o não vivido, experiências e versões imaginativas em historinhas que descrevem um caminho e se constituem em outras memórias da viagem, tal vez nunca feita ou nunca concluída. O passado, reconstituído pela memória, projeta um futuro possível para essa mulher andante que nos convida a caminhar com ela o tempo inteiro.

Adail Sobral

En *Andante* nada es imposible o mentiroso, aún cuando no haya acontecido. Tal vez más verdadeiro por no haber acontecido. Su poética de la metafísica fantástica de lo concreto identifica o ser en el mundo de la poeta: vivir requiere unir lo vivido y lo no vivido, experiencias y versiones imaginativas en pequeñas historias que describen un camino y se constituyen como otras memorias del viaje tal vez nunca realizado o nunca concluido. El pasado, reconstituído por la memoria, proyecta un futuro posible para esa mujer andante que nos convida a caminar con ella todo el tiempo.

Adail Sobral



AIMÉE G. BOLAÑOS

ANDANTE

Curador: Fábio Figueiredo Camargo
Projeto gráfico: Antonio K. Valo e Barbara Caetano
Revisão do espanhol: Maria José Mures
Revisão do português: Adail Sobral
Ilustração capa: Platero

Catálogo na Publicação - CIP

G643a González Bolaños, Aimée, 1943-
Andante / Aimée González Bolaños. – Uberlândia: O Sexo da
Palavra, 2022.
131 p. : il.

ISBN 978-65-88010-36-5

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD: B869.1
CDU: 869.0(81)-1

Elaborada por Gizele Cristine Nunes do Couto – CRB6-2091

CONSELHO EDITORIAL

Alex Fabiano Jardim
Ana Maria Colling
André Luis Mitidieri
Andréa Sirihal Werkema
Antonio Fernandes Jr.
Cláudia Maia
Cleudemar Fernandes
Davi Pinho
Djalma Thurler
Eliane Robert Moraes
Eneida Maria de Souza
Emerson Inácio
Flávia Teixeira
Flávio Pereira Camargo
Joana Muylaert
Larissa Pelúcio
Leandro Colling
Leonardo Mendes

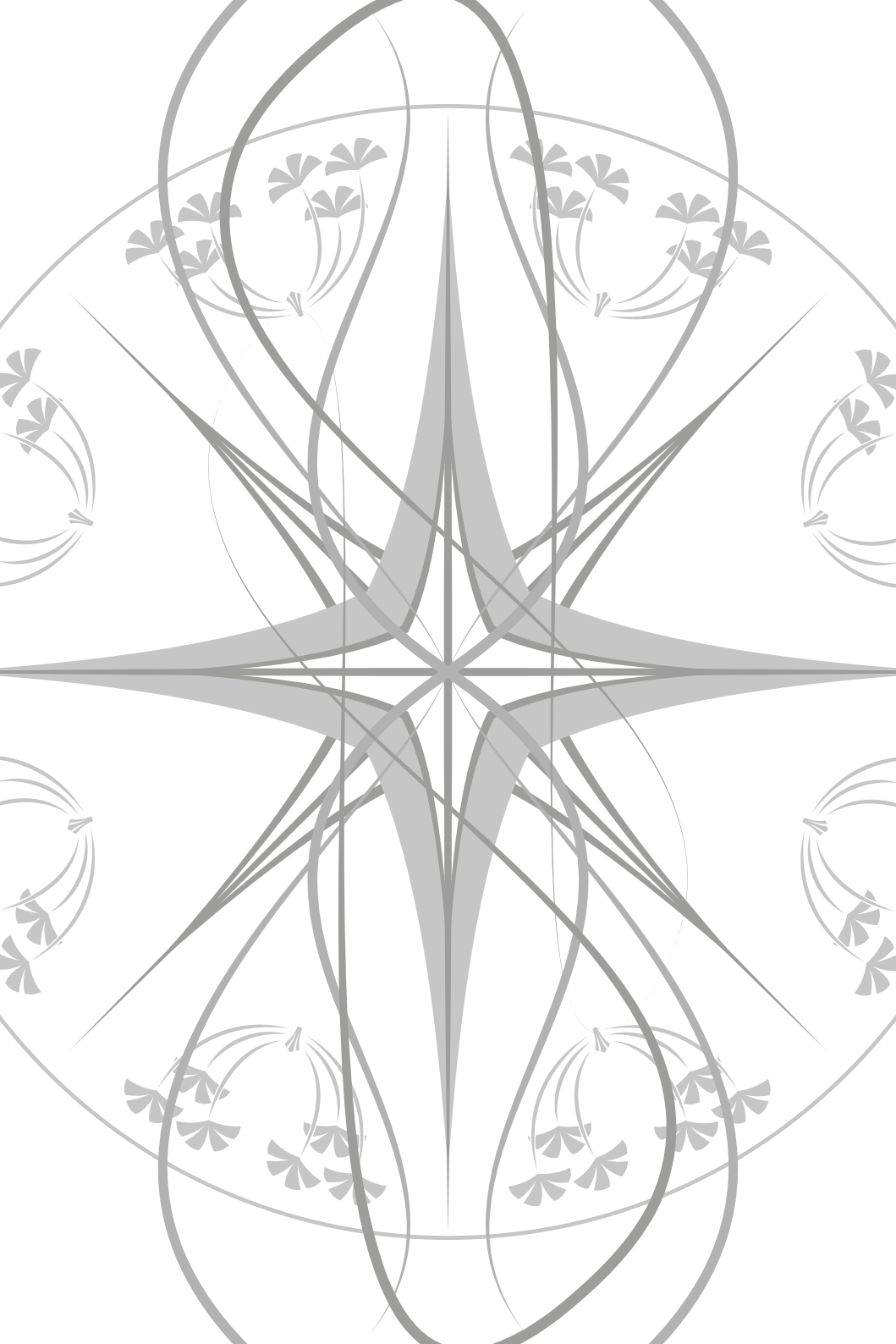
Luciana Borges
Luiz Morando
Maria Elisa Moreira
Mário César Lugarinho
Nádia Batella Gotlib
Patrícia Goulart Tondinelli
Paulo César Garcia
Renata Pimentel
Ricardo Alves dos Santos
Telma Borges
Vinícius Lopes Passos

CURADORIA

Fábio Figueiredo Camargo
Leonardo Francisco Soares
Ivan Marcos Ribeiro

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.



SUMÁRIO

HISTORINHAS PARA O CAMINHO

Sempre quis	19
Iniciação	20
Epifanias da frente	21
Depois do meio-dia	22
Metamorfose	23
Animais sagrados	24
Chopinian	25
Teatro	26
Presságio	27
Vento	28
O jasmim universo	29
A lua encantada	30
Thelma e Louise	31
O jogo dos desaparecimentos	32
En la Grand-Place	33
Visita	34
Elogio da desesperança	35
Tardia	36
As meninas de Brossard	37
Visita celeste	38
Os trabalhos e os dias	40
Na véspera	41

Conto platônico	42
Sombras	43
Mistérios da tarde	44
Mapamundi	45
No caminho	46
O regresso	47
Claro enigma	48
Festas galantes	49
Demônios da noite	51
História sagrada	52
A pérola	53
Outra versão	55
A paixão segundo A	56
Para Gwendolyn	58
Nóstos	59
Minotauro	60
Ariadne	62
Ti(e)resias	64
Mitológicas	65
Assim falou Eurídice	66
Retrato	67
Amor	69
Sem destino	70
Andarilhas	71
Naufregio	72
Andante	73

MEMÓRIA DA VIAGEM

Travessia	77
Viagem ao silêncio	78
Indefinições	79
Despedida	80
Destempo	81
As armadilhas do olvido	82
Resplendores	83
Visão elementar	84
O olhar de Sor Juana	85
Fuga	86
Mirada	87
Especular	88
Dispar	89
Sofística	90
Aporética	91
Incompreensível	92
Conjectura	93
Poema por vir	94
O golpe	95
Pergunta	96
Egoica	97
Noite em <i>chiaroscuro</i>	98
Vila Adriana	99
Linhagem	100
Cantando con Freddie Mercury	101

Legado	102
Amado na sombra	103
Descenso	104
Aviso	105
Último ritual	106
Exorcismo	107
O milagre dos pães e peixes	108
Criação	109
Amanhecida	110
No espelho	111
Selfie	112
Tempos	113
Horas	114
Agora	115
Aprendiz	116
Pergunta	117
Descoberta	118
Relógio vital	119
Árvore da vida	120
Final	121
Aleluia	122
Revelação	123
Errática	124
Anunciação	125

POSFÁCIO

Uma reflexão de poética: sobre a metafísica fantástica do concreto	127
---	-----

HISTORIAS MÍNIMAS PARA EL CAMINO

Siempre quise	139
Iniciación	140
Epifanías de enfrente	141
Después del mediodía	142
Metamorfosis	143
Animales sagrados	144
Chopiniana	145
Teatro	146
Presagio	147
Viento	148
El jazmín universo	149
La luna encantada	150
Thelma y Louise	151
El juego de las desapariciones	152
En la Grand-Place	153
Visita	154
Elogio de la desesperanza	155
Tardía	156
Las meninas de Brossard	157
Visita celeste	158
Los trabajos y los días	160
En la víspera	161

Cuento platónico	162
Sombras	163
Misterios de la tarde	164
Mapamundi	165
En el camino	166
La vuelta	167
Claro enigma	168
Las fiestas galantes	169
Demonios de la noche	171
Historia sagrada	172
La perla	173
Otra versión	175
La pasión según A	176
Para Gwendolyn	178
Nóstos	179
Minotauro	180
Ariadna	182
Ti(e)resias	184
Mitológicas	185
Así habló Eurídice	186
Retrato	187
Amor	189
Sin destino	190
Andariegas	191
Nafragio	192
Andante	193

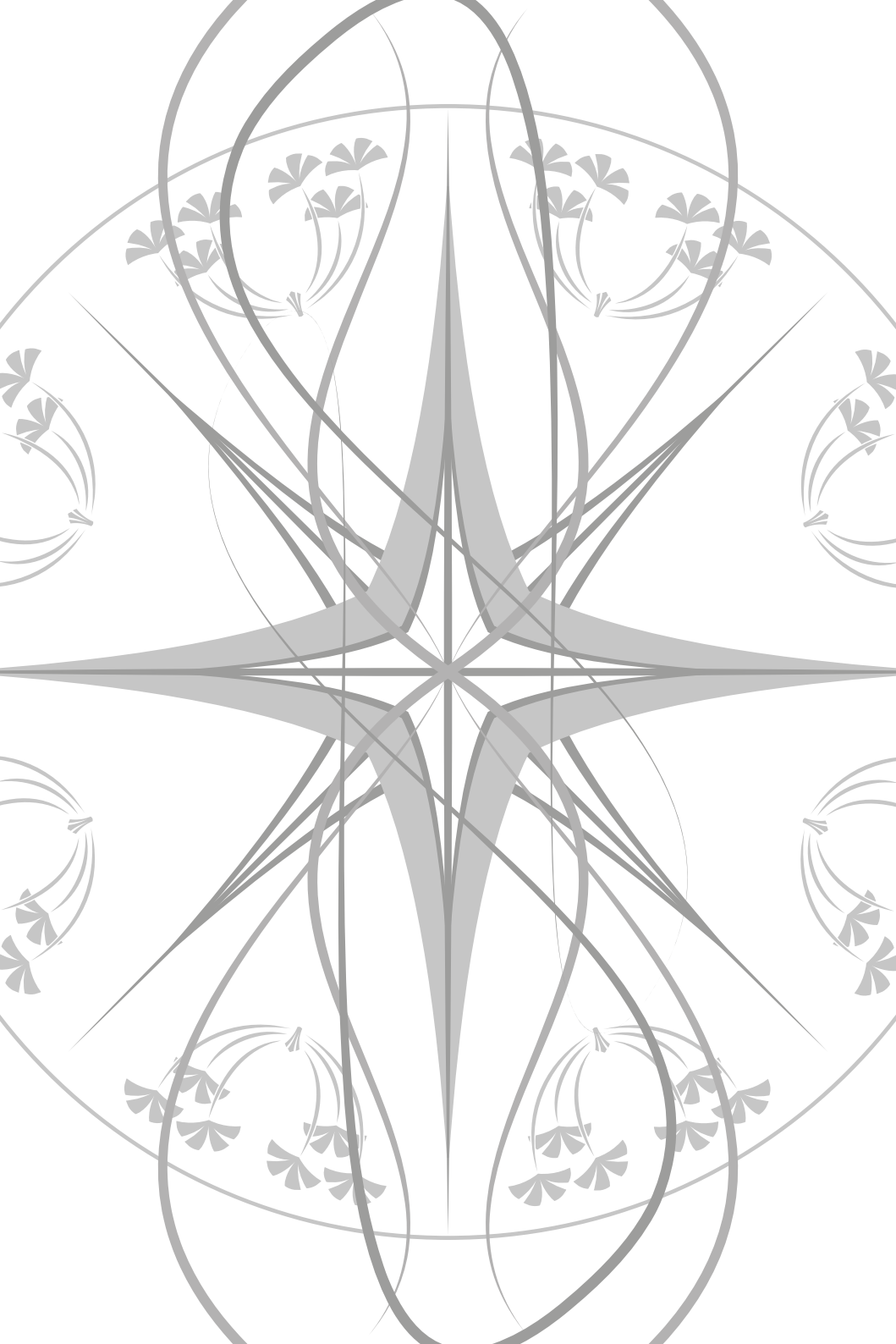
MEMORIA DEL VIAJE

Travesía	197
Viaje al silencio	198
Indefiniciones	199
Despedida	200
Destiempo	201
Las trampas del olvido	202
Resplandores	203
Visión elemental	204
La mirada de Sor Juana	205
Fuga	206
Mirada	207
Especular	208
Dispar	209
Sofística	210
Aporética	211
Incomprensible	212
Conjetura	213
Poema por venir	214
El golpe	215
Pregunta	216
Egoica	217
Noche en claroscuro	218
Villa Adriana	219
Linaje	220
Cantando con Freddie Mercury	221

Legado	222
Amado en la sombra	223
Descenso	224
Aviso	225
Último ritual	226
Exorcismo	227
El milagro de los panes y peces	228
Creación	229
Amanecida	230
En el espejo	231
Selfie	232
Tiempos	233
Horas	234
Ahora	235
Aprendiz	236
Pregunta	237
Descubrimiento	238
Reloj vital	239
Árbol de la vida	240
Final	241
Aleluya	242
Revelación	243
Errática	244
Anunciación	245

POSFACIO

Una reflexión de poética: sobre metafísica fantástica de lo concreto	247
---	-----





HISTORINHAS PARA O CAMINHO

*Só a ilusão
Tem passado e futuro, e nela erramos.
Não há estrada senão na sensação
É só através de nós que caminhamos.*
Fernando Pessoa

*Quando começa a caminhar,
o caminho aparece.*
Rumi

SEMPRE QUIS

*How sweet it would be
If I found I could fly*
Nina Simone

Era um vestidinho azul profundo
de ordenadas dobras coloridas.
Assim ia ao parque do Carmen
e dos muros da igreja
feita gárgula se jogava.

Imaginava o voo
e caía.

Em terra as voltas do carrossel coxo
os golpes secos da gangorra
o vai e vem torcido das redes
os rapazes que espreitavam.
E ela escolhia com quem cruzar o olhar.

Queria ser outra e voar
mesmo sem asas.

INICIAÇÃO

*I wish I knew how
It would feel to be free.*
Nina Simone

O desejo nasceu nas tardes
quando se transformava
ajudada por um anjo trémulo
que no carnaval era bailarina
que descia a este reino sem graça.
O anjo a vestia e maquillhava
frente ao espelho de três corpos
a menina em um canto já imantada.

Era essa a hora das histórias:
do amante ilustre no cemitério
que ainda a visitava e dos namorados
que esperavam nas poltronas da sala
fumando charutos intermináveis.
Era a felicidade de estar no espelho
onde a celebravam o anjo sem sexo
e eu aos sete anos já fascinada.

Em uma dessas tardes decidi ser livre
e escolher mais do que os amantes.
Foi assim que me iniciei na antiga arte
da metamorfose para o voo.

EPIFANIAS DA FRENTE

Os vizinhos da frente tinham
pratos de estanho e eram felizes.
Especialmente na hora de comer
quando escutavam o contraponto
que vinha da sala com o ruinoso piano
calmos os leitões ensolarados no patio.
A família à mesa em silêncio
e lá iam Saumell e Cervantes.

Era uma ordem diferente.

Entre dons e oferendas
viviam em harmonia musical.
Havia duas meninas e brincávamos.
Quando me convidavam para almoçar
era a delícia das pamonhas
um banquete de farinha com abacate.
E aqueles divinos pratos de estanho
onde tudo ressoava reluzia resvalava.



DEPOIS DO MEIO-DIA

Imune aos avatares da memória
está sentada no chão escutando.

A radio anuncia “La guantanamera”
uma rara espécie de tragédia diária
com coro grego cantado.
Plácidos na cama cotidiana
antes de todas as mortes
os avós deitados vivos.
O pátio interior rumoroso
com a feroz gata
que amamenta.
A porta da casa entreaberta
convidando a entrar
na serenidade da tarde.

Alguém habita o espaço
imemorial do tempo.

METAMORFOSE

Era uma vez uma menina calva.
Chorava sua mãe agoniada
na tentativa de segurar laços
naquela cabeçina despovoada.
Toda a família atenta à menina
que mal aprendia a ler
mas dançava e dançava.
E mesmo que se exibisse de costas
nunca ninguém descobriu que tinha
marcas de nascimento semelhantes
a tocos de um tronco seco.
Assim marcada e careca
foi andando pela vida
como escriba de histórias
verdadeiras do não vivido
para continuar vivendo.
E como velho morre o cisne
muitos anos se passaram
quando a carne nem a sustentava
e os ossos estalavam devastados
em um súbito dia de sol
surgiram primorosas suas asas
de intemporal matéria translúcida
entre leves azuis e douradas.

Florescida de asas e por fim
com uma longa melena branca
se perdeu felizmente.
Cabelo ao vento suas asas a levaram.

ANIMAIS SAGRADOS

Quando os animais sagrados sonham
não devem ser acordados.

Não aprendia a ler
em pentagrama nem livro.
O conhecimento não estava
na partitura ou na página.
Era a própria seiva vital
do corpo levitando.
Quando dançava
era voo inaugural
voluta dispersa ao vento.
Dançava dentro de si
o que não cabe em palavras
com fantásticas sapatilhas rubras
e aquele exuberante turbante
de um trópico feliz falso.
Sua música interior era
de círculos espiralados
onde a beleza reinava.

Quando a imaginação sonha
não pode ser acordada.

CHOPINIANA

A quarta parede do ofício
demora as notas primeiras.
Nas pontas e de costas
estou toda trêmula rosa.

Vejo o silêncio.

Graciosamente me viro
e lembro de mim às cegas
feita prelúdio do tempo
dançando a forma da alma.



TEATRO

Eram duas meninas no telhado
abaixo as galinhas absortas em si
como quase todos os humanos.

Eram autoras de imortais tramas.
Ele chegava de um brumoso país distante
Ela em desejanste sonho o aguardava.

Eram em cada histórica amadas ou amantes.
Ilusórias figuras que se travestiam
como no teatro shakespeariano.

Eram dias no maravilhoso retábulo.
A plateia em terra seca de galinhas chocas
e algum ovo para atestar o milagre.

Eram dias inteiros representando
a vida como um conto feliz realista
das duas meninas transfiguradas.

Jogaram durante séculos
e jamais esqueceram.

PRESSÁGIO

Em uma festa infantil
de carnaval com fantasias
quando o vi o mundo
se transformou no instante.

Era Omar vestido de árabe
com cimitarra e meia lua.
E aquele sinal deslumbrante.

Na hora o soube:
amava.

Fui até ele com passos
de tão certos errados.
Quando Omar se virou
sequer me viu assim
enteira a alma
sem palavras.
Para sempre enfeitiçada.

Na hora o soube:
seria amante não amada.

VENTO

*Let me fly away with you
for my love is like the wind,
and wild is the wind*
canta Johnny Mathis

Eram virgens as tardes
quando os corpos
se entrelaçavam ávidos
na íntima distância.

Era um mundo desabitado.
Nada fora de nós.
Só vento erótico
que a voar incitava.

Eram as horas vorazes
do desejo apenas dançado
pelos futuros amantes
nas selvagens tardes do vento.

O JASMIM UNIVERSO

Em uma ofendida floresta sagrada
sem relógios e de inefável espaço
entre elevações leves e íngremes
um mínimo jasmim de raízes gigantes
crescia solitário sem que ninguém o amasse.
Era um voluntarioso jasmim prisma
uma espécie muito rara de jasmim aleph
criado por fantásticas palavras reais.
Um voluntarioso jasmim transformista
de um branco absoluto de tons irizados
que exalava aromas os mais espirituais.
Era um jasmim proibido de preciosa magia.
Um jasmim universo de prazer inesgotável.

Quando uma lenta tarde o descobriu
nunca mais esteve sozinha nem foi dominada.



A LUA ENCANTADA

Ainda há pouco estava aqui
e olhava para a lua encantada.

Hoje seu amado a olha por ela
e diz: como a Louise gostava.

Agora nós olhamos a lua
e revivemos o seu olhar deslumbrado.

Que essa lua de Louise neste Sul
era só dela e na verdade encantada.

Ao partir ficou em sua lua
feita de todos os olhares.

Quando eu não estiver mais aqui
será que alguém olhará minha lua
e dirá como ela gostava?

THELMA E LOUISE

Nas aldeias da alvorada
de imerecidas igrejas.
No tablado da origem
com suas cenas eternas.
Nos campos tardios
da quixotesca Castela.
No esplendor e no despojo
da Córdoba gongórica
com seu nobre rio dourado
e a Mesquita insondável.
Na mitológica história
onde Averno ainda respira
e Quevedo está agonizando.
No martírio amoroso
ao rufar dos tambores
o fogo iluminando a noite
do fim e todos os começos.
No jardim das flores memoráveis
e os encontros perfumados.
Na despedida mais desvalida
que nunca acaba.

Da tua mão sombra e esperança.



O JOGO DOS DESAPARECIMENTOS

Ao ler o Averróis
borgeano o escriba
se desvaneceu.

Na Rua do Lenço
entre tanta flor colorida
o verde se perdeu.

O Jardim das Laranjeiras
privado de perfume
suas fontes secou.

A Mesquita universo
da sucessão do tempo
escapou.

Todo rastro dos passos
que foram dados
desapareceu.

Onde nunca fomos
nem existimos a memória
nos criou.

EN LA GRAND-PLACE

Sob um céu de brumas
de dilúdos contornos
vagueava pela mais bela
de todas as praças.

Ao longe se deixava ver
uma roda gigante
enfeitada de luzes
que num ponto sem retorno
angustiosa girava
com reviravoltas espectrais.
Para os olhos cegos
dos passeadores de ocasião
a roda insone não existia
absortos em suas próprias tramas.
Vi de repente
que a roda era ilusória.
Apenas um espelho convexo
que distorcido refletia
o desviver circulando.
Vazia na subida assustadora
e lenta descida solitária
me reconheci perdida viajante
dando voltas sobre si
ausente de seus passos.

Era a roda mais triste que já olhara.



VÍSTA

Ontem à noite estive em Varsóvia;

Estava de passagem
para um congresso.
Como sempre abandonei
os sábios salões.
Fui andar pela cidade.
mas tinha acontecido
uma hecatombe silente
e embora a cidade
se tornasse invisível
vi seres vagando sem rosto
em uma quietude de cinzas.
Vi um sol agônico
entre turbulentas nuvens
e ruas vazias de casas sem portas.
Tudo em ruína.

Talvez não fosse Varsóvia.
Só eu
que caminhava por dentro.

ELOGIO DA DESESPERANÇA

*A matéria-prima da arte de viver
é a própria vida de cada pessoa.*
Epicteto

Solitário em um banco da avenida
vencido sobre seu corpo cansado
único habitante do mundo
o vendedor oferece cata-ventos
de cores que ao girar convidam
a uma festa sem convidados.

A quem espera vender o inocente
correr com o ar cintilante?
Quem na pureza dos começos
escolherá a cor mais brilhante e rápida?
Será que alguém ainda deseja
o humilde cata-ventos franciscano?

A avenida é só ausência
com seus bancos de cores delirantes
onde ninguém está sentado.
O espaço está de vazio desbordado.
Ali o último vendedor ambulante
alheio ao tempo espera desesperançado.

Desde o protegido cristal das alturas
onde também estou esperando
vejo sua figura de sabedoria calma.
Na avenida de frondosos árvores
os pássaros estão cantando.

TARDIA

No mercado chinês
de uma tarde de Brossard
os peixes ondulam quietos
sem mistério nem destino.
Os passeantes estão parados.
As frutas apodrecem calmas.
As efêmeras couves
exibem sua espécie rara
de fragilidade ecuménica.
Sem metafísica nem dialética
leio o fim do real concreto
nos caranguejos com flores.
Tudo aqui é inconstante
até a fome passageira.
Caiu o Império Romano.
A Atlântida está desaprecida.
O Titanic já afundou.
Se acabaram os relatos
não há mais mitologia.
vamos nos comer vivos.
Tábula rasa é a história
onde vegetais e humanos
jazem impávidos.

Recostada em sacos de arroz
me pergunto quem sou
e onde estou nesta hora.

AS MENINAS DE BROSSARD

La lluvia es una niña de cristal azul.

Teresita Fernández

No insólito reino
do Direito e do Revés
duas meninas de cristal
correm livres e descalças.
Cristal de Lola violeta
Cristal de Lili rosada.

No início da ronda vão
as duas de mãos dadas.
Peixes floridos de lesmas
e até a tartaruga Manuelita
vêm celebrar a dança.

Translúcido brilha o orvalho.
Renascido a partir da chuva
o sol dos trópicos aguarda.
A ilha imóvel que viaja
oferece eterna o cenário.

As duas meninas coloridas
dançam a felicidade
do sonho ainda não sonhado.
Verde terra do sem-fim
águas azuis intermináveis.



VÍBITA CELESTE

*E baixou Pzimlíte, aquele dos ossos verdes, ao pé da
flor, e aquele que é Eternoo transformou em colibri.*

Chilam Balam

No meu céu entrou
um trêmulo colibri
com seu azul buscando
a flor da esmeralda.

*O colibri se transforma
em erótico guerreiro verde
desta batalha sem fim.*

Nada pergunto
a esse guardiã do tempo
que chegou até o presente
feito paixão palpitante.

*O colibri se estremece.
Flecha de jade são suas asas
de voos intermináveis.*

Nada pergunto
ao mensageiro que volta
do reino obscuro
da desesperança.

*O colibri levita
no ar é livre
suas asas tremulando.*

Tudo pergunto e espero
do amoroso viajante
que ao copular com a vida
fecunda esta terra baldia.



OS TRABALHOS E OS DIAS

*Não sabem quanto é mais metade
do que todo, nem quão rico tesouro
nos brindam a malva e o asfódelo.*

Hesíodo

Era uma vez uma formiguinha dourada
que de tanto saber tudo sabia nada
Ao terminar seu longo dia de trabalho
rotineiro só por isso já memorável
ufana proclamou: dia que feliz acaba
sabendo que outro igual virá amanhã.

A cigarra de intenso verde e prateada
que com outra idéia de felicidade escutava
bateu despreocupada suas joviais asas
e pensando desde a metade de si mesma
sábiamente disse: nada e tudo aconteceu
neste dia feliz que não antecipa o amanhã.

NA VÉSPERA

Ontem se suicidou o girasol.

Caiu de um quinto andar.
O inabalável cimento
o recebeu como perda natural.
Talvez o girassol ainda quisesse
celebrar o curso do sol
com suas pétalas radiantes.
Só que o dia foi tempestuoso.
Daqueles sem remédio escuros
nos que deixamos de acreditar.

Hoje o sol está brilhando.



CONTO PLATÔNICO

Do cosmos platônico
com suas formas universais
caiu no meu jardim
a rosa ideal encarnada.
Florida no seu perfume
a rosa perfeita se escapa
dos vaivéns do sendo
e sabe tudo sobre o eterno.

Rosa carregada de tempo
desfolhando-se melancólica
nela reconheço a morte.
E filosófica me pergunto
se voltará à forma
de perene rosa absoluta
ou se é só rosa fugaz
deste viver imperfeito.

E o eco responde:
a rosa é a rosa é a rosa...

SOMBRAS

Era uma caverna simbólica
tão veraz quanto fantástica.
Era a muito lógica loucura
e a muito sábia ignorância.
Era um mundo distorcido
de infiéis reflexos mutantes.
Eram sombras sem corpos
eternizadas na falta.
O criador perdido
também um simulacro.



MISTÉRIOS DA TARDE

Em uma cinza monumental
a doce araucária se movia
enquanto a chuva deixava
suas nítidas pegadas finas.

No mais alto do céu
um pássaro comum pousou
enquanto outro igual voava
criando um universo inverso.

E então ao encontrar-se
se transformaram em Um.
Pássaro azul ilusório
do centro do universo.

Foi o melhor dos presságios.
naquela tarde de cinzas.
Vi o que não é nem existe
mas estava acontecendo.

Porque os símbolos são assim
tão diáfanos quanto escuros.
Subitamente resplandecem
depois se apagam para sempre.

MAPAMUNDI

*O deus cujo oráculo está em Delfos
não diz nem cala: faz sinal.*

Heráclito

Dominando a cidade marinha
o terraço era um solário jónico
onde as Cariátides suportavam
a turbulência do viver exausto.

Mais além se avistavam as curvas
e subidas desafiantes de um caminho
eternamente vazio que conectava
a cidade e os seus campos despovoados.

Adiante as casas eram desertas
e sombrios os equívocos pátios.
Nunca se soube se havia um centro
mas para ele tudo se encaminhava.

A cidade tinha uma floresta absurda
habitada por símbolo reclamantes
como a parede sem porta de Pessoa
ou aquela porta só tua kafkiana.

De regresso à vigília no tempo
do alucinante viver cotidiano
reconheci os sinais inequívocos
mas nunca consegui interpretá-los.



NO CAMINHO

No caminho perdi
cinco virtudes capitais
e mil jubilosos pecados.

Olho para trás petrificada
o vivido sem remédio gasto
e culpo ao tempo-vento
que levou tudo consigo.

Nesta viagem iniciática
faço um alto no caminho
e de repente descubro:
O que me resta é tempo.

Tempo-rio heraclitano
onde as outras e eu
escrevemos nas águas
sustentadas pelo vento.

○ REGRESSO

Hoje tenho um sonho acabado de sonhar.
É de um branco que se torna violáceo
com a aura levemente inconfundível
de qualquer história de viajante extraviado.
A título de emprestado esse sonho o dei
a um poeta sem forças para sonhá-lo.

Ontem à noite regressou à matriz onde foi criado.

Quando apareceu na aurora sabia que era ele.
Meu sonho voltava com seus sinais oscilando.
Em suas moradas desalojadas pelo tempo
vagavam seres mascarados.
Sem argumento nem imagem tinha sobrevivido
à azarosa viagem pelo labirinto errado.

Escrevo agora dando notícias de seu regresso.
Só não consigo me lembrar do enredo.
Sei que havia caminhos espelhados com mil portas
e alguém buscando o que não pode ser encontrado.

CLARO ENIGMA

*O que procuraste em ti ou fora de
teu ser restrito e nunca se mostrou*
Carlos Drummond de Andrade

Gosto de contar sonhos
verdadeiros que invento.
Foi assim ontem à noite.

Estava num jantar literário.
Sentada à minha frente reconheci
a um ser fantasmal de muitos anos atrás.
Mas essa memória não estava no sonho.
Ou talvez sim...
Eu tinha penas coloridas na cabeça
e o vestido rubro de Jezabel incendiário.

Reconheci um detalhe perturbador:
o vestido só começava na cintura.
Meu torso nu de serpente
deslizava na mesa exibindo
seus apetecíveis seios reais.
Hoje me dediquei a escrever
este sonho de tão claro indecifrável.

FESTAS GALANTES

As horas estáticas suportam
as figuras travestidas
de um falso mundo galante
onde agora acontece
uma festa sem fim gigante.
Maquiagem profunda
perucas de percevejos habitadas
trajes coloridos que desbotam
espelhando as cortinas tristonhas
do decadente mundo-teatro.
Aqui e ali dançando
os esqueletos estilizados
e uma música sem músicos
que improvisa um tema absurdo
de monocordes cores opacas.
Suas perdas choram e riem
os dançarinos livres de ser felizes
sua infelicidade representando.
Nos cantos mais escuros
o sexo está sendo executado
em um exercício sem ânimo
de secas rachas e pênis pálidos.
Frutas sem estação cheias de vermes
alternam com turvos vinhos ácidos.
Desilumina o salão sujo de séculos
um vasto vazio de velas.

Quem escreve também festeja
sabendo que se repete e exagera
mas assim mesmo é o gênero
destas festas de fim de tempo
que patéticas se julgam eternas.

DEMÔNIOS DA NOITE

*¿Si las pesadillas fueran grietas del infierno?
¿Si en las pesadillas estuviéramos
literalmente en el infierno?*
Jorge Luis Borges

Ninguém os convidou ou convocou
Ainda assim o rebanho estava lá
feito um mar de cabeças vagas.
Ninguém tinha voz e todos falavam.
Ninguém dormia mas todos apagavam.
Ninguém dizia não embora discordassem.
Sobre eles a grande voz sem rosto
anunciava triunfante a nova era
da universal violência messiânica
e do bárbaro delírio anti-humano.
Estávamos no umbigo do sono
indefesos inermes paralisados
sem poder abrir a garganta e gritar
e gritar ainda em silêncio desesperado.
Ninguém disse que seríamos comidos.
Apenas cortada a cabeça irreverente
mutilados os ímpios sentidos sexuais
arrancada a insumissa língua palavreira
espetados os membros rebeldes
e com alívio finalmente triturados.
Devolvidos ao pó que fomos e seremos
segundo todos os textos chamados sagrados.

Hora de acordar.

HISTÓRIA SAGRADA

*Tú te quedas con todo
y me dejas desnudo y errante por el mundo,
mas yo te dejo mudo... ¡mudo!...*

León Felipe

Era um golem minúsculo
dono do trono e o todo
lei inapelável sua palavra
de fundamento universal.
Como a glória se negava
a consagra-lo em vida
com fantasia de ator
gritava: Quero morrer.
Do bom amor nada sabia.
Apenas vãs rimas românticas
e metáforas de torrente exausto.
No enfadonho hedonismo de si
seu desejo era insaciável.

Teu é o reino (por agora).
Mas eu que nunca acreditei
te deixo aqui impotente.

A PÉROLA

¡Oh mar! ¡oh mar! ¡devuélveme mi perla!
José Martí

Houve uma vez um Mouro
que não se saciava com nada.
Tinha lunáticos trajes amontoados
tapetes de incompreensíveis tramas
mil e um enfeites de mouraria falsa
um pequeno jardim suspenso
de espinhosas plantas desaforadas
incontáveis livros embalsamados
filhos transhumantes e mulheres várias.
Mas o mais apreciado do seu mundo
de acumulador vão era a pérola
que guardava no mais recôndito
do seu bazar de peças estáticas.
A pérola era uma jóia verdadeira
feita de tempo e cordialmente sábia.
Tinha nascido no fundo do mar
como diz uma canção muito antiga.
Lentamente lapidada por águas tropicais
guardava o som das mornas ondas calmas
e um sol generoso que desconhecia o ocaso.
Estava cheia de vida e destilava palavras
que fluíam com vocação de errância.
Até houve horas em que o Mouro a amava.
Um dia infausto se cansou da pérola rara
e a jogou no mar convulso de suas ânsias.

Final triste com moral:
Muito tempo se passou
e o Mouro ainda busca a pérola
que nunca mais habitará
seu mundo de vazio abarrotado.

OUTRA VERSÃO

tú abres el cofre de tus deseos
Alejandra Pizarnik

Descobriu os sentidos
da caixinha tão real
como simbólica
que ao final da viagem
atordoada e suja do caminho
tinha entre suas mãos ávidas.
Então a abriu.
Eros absoluto
com seus todo-poderosos
eflúvios espirituais
penetrando em um corpo
transfigurado pelo fogo
da esperança.
E foi o desaforado prazer
do conhecer delicioso.
Êxtase do desejo.
Estrondosa queda cega
em delirante harmonia.

Com o júbilo do gozo
soube que era tempo de partir
para a ignota morte grande.

A PAIXÃO SEGUNDO A

*Este dolor por una sola idea.
Esta angustia de cielo, mundo y hora.*

Federico García Lorca

Consultei o tabuleiro de Ifá
Orunmilá ficou em silêncio.
Depois peregrinei
pelo umbigo do mundo.
Nas ruínas de Delfos
palavra de Pítia nenhuma.
Nem oráculos nem pitonisas
quiseram dizer como seria.

Estava aí esperando sua hora.
Um ponto cego
onde as angústias confluem.
Louca lucidez.
Ceu em cinzas da vívida chama.
El cuerpo do amor
na memória de si
uivando em agonia.
Sem possuir ou esquecer
tentando alcançar
o inatingível.
Sozinha e nua me vi
escutando uma voz
de ecos intermináveis
que dizia: foge.

Mas nada fiz.
Era o próprio centro
da paixão vendo-me
padecer imóvel.

Embora ninguém o dissesse
sabia que seria assim
a explosão do amor obscuro.



PARA GWENDOLYN

*For years I have wanted to write a poem called
The Garden of the Thieves.
Gwendolyn MacEwen*

Desci até o mais profundo
das águas nebulosas do adentro.
Era um jardim imerso de ojos
florescido com pinhos oscilantes
e elusivos peixes de nevoeiro.

No umbral estava o Ladrão
que invocava o destino
e entre suas mãos minha cabeça
de ilusa Medusa decapitada
sangrando em um prato.

Esperançoso o corpo
que sim entender sorria
buscava às cegas sua cabeça
e ao encontrá-la com alegria
a encaixou de novo.
No atemporal espelho das águas
me vi errante mulher amante
que coroa a si mesma.

E apesar de que tudo perdi
agora finalmente inteira
te conto esta história feliz
da cabeça recobrada
no jardim prodigioso.

NÓSTOS

*¿Destino?
No, mejor: la vocación
más íntima.
Jorge Guillén*

Em cada um dos seus pedaços
com tinta sangue escreveu
desterro
e desmembrada a lançou
aos mil ventos cardinais.
Todas as suas bocas violadas
sem língua nem casa nem abrigo
em solidão deambulou.
Mas depois de beirar
os confins do infinito
voltou e está escrevendo
no abismo da página
suas palavras erráticas.

MINOTAURO

*E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.*
Fernando Pessoa

Na caverna-labirinto
com seu umbral de águas
desnudo e quieto
o Minotauro me esperava
convidando-me à morte
que sei não é a dele
mas sim a minha.

Sem hesitar entrei
mas a ordem impenetrável
do destino fez que ele fugisse
transmutado em quimera.
Pelas horas do tempo
vagamos até nós encontrarmos
em uma volta da espiral.

O Minotauro saltou sobre a vida.

Acaricieei sua cabeça
descomunal monstruosa
com a boca devoradora.
Me embebedei com a doçura
do corpo intocado.
Seu abismo sensual
desatou todos os sentidos.

Na dualidade penetrei.
Agora ofício o mistério
da horrível beleza.
E do prazer interminável.
Liberados do símbolo
com suas cansadas metáforas
criamos uma espécie rara.

Pensadores da ficção
procuram meu nome mítico
uma história com alegorias
e atributos fantásticos.
Mas sempre escapo.
Sou o indefinível.
O um e o outro.

As formas todas do desejo.



ARIADNE

*Porque pertenço à raça daqueles que percorrem o labirinto
Sem jamais perderem o fio de linho da palavra*
Sophia de Mello Breyner Andresen

Há histórias perdidas
apagadas pela letra oficial
e pelos guardiões da lei.
Assim tem sido a minha
de tão provocadora
real impossível.
Mal alinhavada desde sempre.

Meu nome lembra a aranha.
Talvez porque incessante teço
com invisíveis fios delicados
que são os mais resistentes.
O fio é meu ser verdadeiro.
Sou o fio da palavra
talvez da alma.

Escribas áulicos de remota era
inventaram que dei o fio a Teseu
desleal vencedor da morte.
Bizarros que eram e seguem sendo
legitimaram a versão do desafio
sem chegar até hoje a um acordo:
O Minotauro era bestial ou humano?

Desde o início sabia que Asterião
esperava com melancólica fé
seu libertador imaginário.
Nos passadiços do sonho
há anos assim o sussurrei
a um poeta amante de perdedores
e devoto de labirintos.

Aqui em uso do poder volátil
da escritura do não escrito
faço valer a verdade histórica
embora ela não exista
e ninguém acredite em mim.
Fui eu quem entrou no dédalo
perseguido só o desejo.

Sem limites transpassei o umbral.
Quando nos encontramos vorazes
trocamos cabeças e corpos e sexos.
Desaforadamente nos amamos.
Então descobri que o Minotauro
era uma metamorfose de Dioniso
com seus jubilosos ciclos vitais.

E como sou o fio da palavra que trama
transformei a morada de Tânatos
em um labirinto sem saída nem fim.
Casa de Eros inesgotável.

TI(E)RESIAS

Tenho o dom da profecia
já fui homem.
Faço acontecer com a palavra
agora sou mulher.

Y digo:

Um dia fora do tempo
nos encontremos
em um lugar sem nome
que não existe.
Amar será uma liturgia.
Celebração jubilosa
de todos os sexos
e as divindades eróticas.
Fundidos os corpos
seremos alma gozosa.

MITOLÓGICAS

Do gozo privadas
as Mênades furiosas
o despedaçam e afundam
sua lírica cabeça
no rio gelado da morte.

Ísis apaixonada o busca
unge com devoção os pedaços
recria seu delicioso falo em ouro
bate as asas com fé
e amante o ressuscita.

Em toda história
entre a fúria e a fé
o amor é forma.



ASSIM FALOU EURÍDICE

*You hold love in your hand, a red seed
you had forgotten you were holding.*

Margaret Atwood

Estou de volta do olvido
meu amor foi fiel no desterro.
Estou em tua memória nítida
porque meu ser era verdadeiro.

Quando me perdeste no inferno
depois de muito andar sem rumo
no frio umbral da desmemória
me acolhi a minha sombra desolada.

Guardei os sinais do tempo
aprendi o prazer de ser intacta.
Vesti as sutis roupas do silêncio
e as sandálias aladas da morte.

Por fim regresssei com outra forma.
Mariposa negra em jubiloso luto
inumerável semente ao vento.

E como sei que estás dilacerado
te trago estas romãs milagrosas
de meu vivíssimo jardim do fogo.

RETRATO

A casa atravessa as nuvens
e se perde no horizonte.
Igual a um Livro de Horas
existe dentro e fora do tempo.
Está na Rua do Médio
entre Boa-Viagem e Oficinas.
Tem um jardim interior
cheio de fantásticas plantas
que nativas do Aduaneiro
graças às correspondências
com seus símbolos falantes
se tornaram quase humanas.
De telhas francesas o teto
começa no piano da sala
para se estender sem fim
no espaço musical da tarde.
Nela mora uma jutía ladra
junto a doces cateyes verdes
só que o deus tutelar é Leo
com a dinastia de gatos.
Muito se pode conversar
nas salas tecidas de bambu
mas bem melhor é o silêncio
quando o dia se apaga
e na noite sem palavras
a família vaga nos corredores
banhados de lua
mas ainda aquecidos
pelo sol da manhã.



E quando chove é a festa
das gárgulas no jardim
cujas correntes formam
pequenas poças translúcidas.
Nesses espelhos é possível
ver-se jogando às Ofélias
que sempre-vivas flutuam
nas fugidias águas do pátio.
Os vinte tomos do Tesouro
habitam na biblioteca aérea
onde clássicos e modernos
convivem em harmonioso caos.
Imitando aos ávidos leitores
os livros se tornaram vorazes.
Nela é possível ler Cervantes.
E também ouvir os três golpes
quando o piano acompanha
às donzelas encantadoras
que entre espelhos e colunas
alheias à crueza do mundo
com delicadeza dançam.
O piso de desenhos bizantinos
duplica a vida embora nunca
ninguém o imaginasse.

Minha casa é um labirinto em espiral
feita de vestígios com paragens de tempo.
Gerações se sucedem e ao ir-se ficam.
Sabe que quando partimos começa o retorno.

AMOR

Perdi uma ilha que navegava à deriva.
Escondida em uma volta do ciclo
já não navega no mar da memória
nem sou acolhida na sua brisa ondulante.
Virou um repertório de visões fugaces.
Enroscada em si se parece com o infinito
que como é impensável sempre escapa.

Quando a ilha partiu da nostalgia
encontrei o verde de uma terra protegida
por águas translúcidas e sol reverberante.
Sem consciência de si em sensual letargia
foi com paixão uma e mil vezes estudada
mas como a cada volta do ciclo se transforma
ninguém entende sua metamorfose ambulante.

Não sei o que fazer com o infinito da ilha
nem com essa terra perambulante em transe.
Doem tanto que só sei amá-las.

SEM DESTINO

Tristemente no caminho.
Alegremente caminhando.
confundidos os vestígios
perdidas as chaves.

Nua e silenciosa.
Em veredas sem rumo
por um deserto espinhoso
de memórias irremediáveis.

Apenas uma mochila
de objetos fantasiasos
tecida com fios de tempo
e repleta de vislumbres.

Preciosa carga ligeira
de misteriosos hieróglifos
que mudam com a paisagem
e por isso são indescifráveis.

Sozinha finalmente sozinha
no caminho caminando
com o desejo poderoso
de chegar a nenhuma parte.

ANDARILHAS

Eu Mesma: A memória escava
só em devastação e ruína.

Eu Outra: A memória cria
uma incompleta eternidade viva.

Eu: O ser é uma estação passageira.
Jogo volátil de um daemon travesso.

Outra: O ser é o lar que abriga.
Dádiva de um daemon compasivo.

Eu: Perdida em estrada sombria
me pergunto para onde caminho.

Outra: Celebrando as perdas
as sombras iluminam o caminho.

Eu: O meio termo está bem aí
para não desesperar no caminho.

Outra: Não há meio termo
nem sequer existe o caminho.

Escuto enquanto caminho



NAUFRAGIO

Sobrevivi à tormenta
aferrada à tábua do desejo.
Recolhi os míseros fragmentos
e armei minha balsa de Medusa.
Naveguei o tempo em solidão.
Nenhum porto me deu abrigo
até descobrir uma praia
de escuras águas intermináveis.
De novo salvei pedaços
e no espaço do ar
fiz minha casa impossível
tão semelhante ao nada.

A viagem me transformou.
Tenho mil rostos reais
tão alegres quanto tristes
uma frágil alma persistente
duas línguas e um corpo sábio
que resiste aos naufrágios.

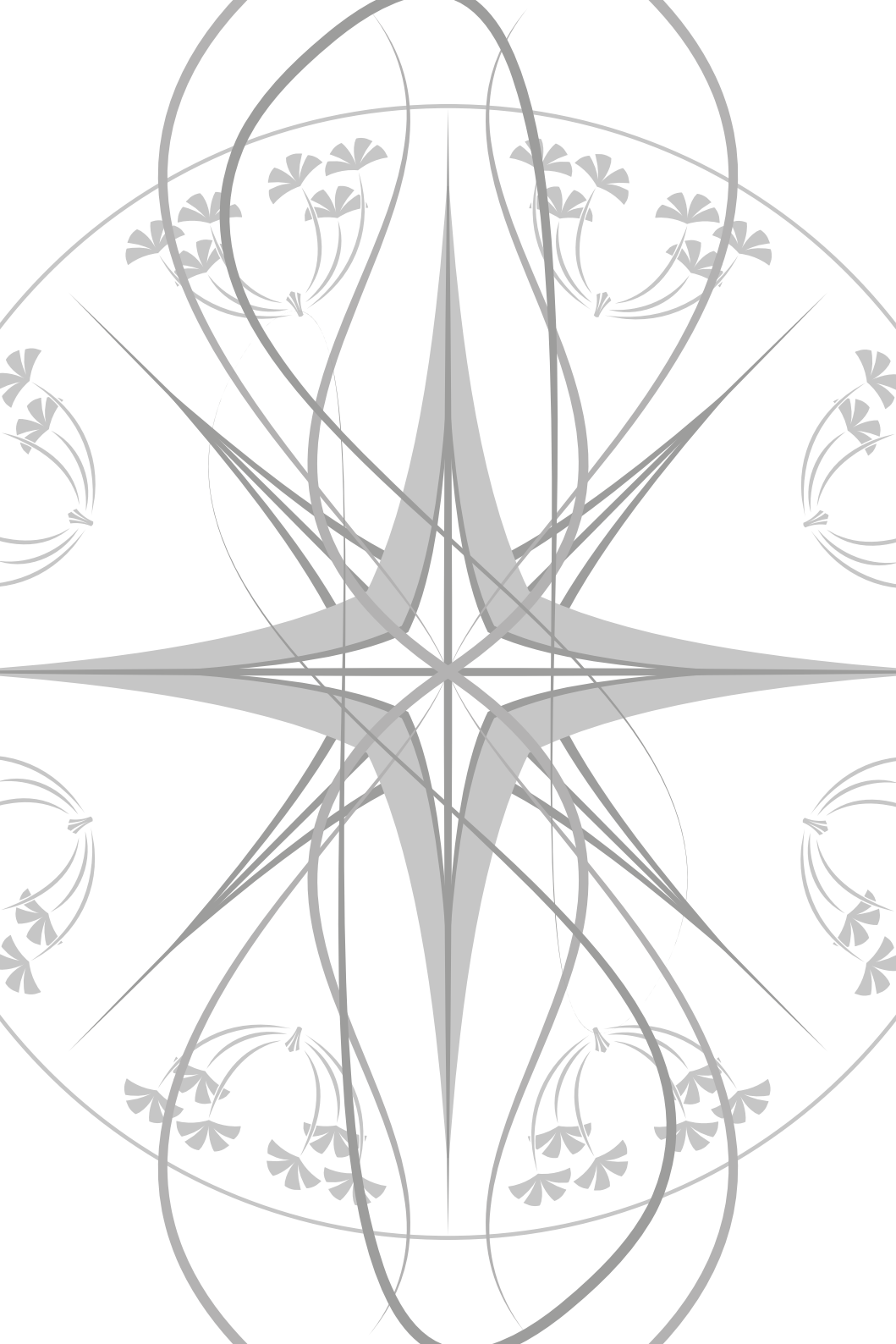
ANDANTE

*Oh, you're sure to do that,
if you only walk long enough.
Cheshire Cat*

Em noite escura e às cegas
peregriné por uma floresta
de inquisidoras presenças
que sem falar perguntaram
por que tinha errado o caminho.
Foi assim que entrei no reino
do insaciável Rei de Corações
que sem piedade arrancou o meu.
E estando eu já desfeita
me obrigou a seu absurdo jogo.
Apostei acreditando que ganhava
quando na verdade perdia.
Despojada do que era meu e de mim
continuei andando o caminho.
Muito tempo depois cheguei à casa
onde minha família me esperava
e na mesa da ausência o coração
palpitando de amor sereno.

Reunida vi com límpidos olhos novos.







MEMÓRIA DA VIAGEM

Navego pela memória sem margens.

Cecília Meireles

*Intacta memória — se eu chamasse
Uma por uma as coisas que adorei
Talvez que a minha vida regressasse
Vencida pelo amor com que a lembrei.*
Sophia de Mello Breyner Andresen

O que a memória ama, fica eterno.

Adélia Prado

TRAVESSIA

*o real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*

João Guimarães Rosa

Navego mar adentro
Não há ilha prometida
nem regresso.

Nos escombros persiste
a casa onde me deshabito
e um mundo sem sentido.

Entre encontro e despedida
ando através do real que não existe
na chegada nem na saída

Sou travessia.



VÍAGEM AO SILÊNCIO

O silêncio é um ponto de fuga.

Onde as fragilidades convergem
descubro o dia da viagem
chegando em silente harmonia.
Quando de nós partimos
de volta ao perdido
só o silêncio pode dizer tudo.

Nem obsenidades nem pragas
nen a violência do poder
conseguem destruir
as palavras de vida
loquazes em sua mudez
absurdas e plenas de sentido.

O silêncio é um ponto de partida.

INDEFINIÇÕES

Um fio que não resiste.
Terra profanada seca.
Um fogo em cinzas.
Vás palavras de si
num ocaso sem céu.
Reflexo evanescente
da sombra solitária.
Melancolia da viagem
interminável.



DESPEDIDA

*Ouvindo Mercedes Sosa
e Astor Piazzola.*

Das coisas simples
onde amamos a vida
das coisas amadas
onde esteve a vida

que obstinadas
continuam a existir
cheias de ausência
e de tempo detido

como nunca foram
como sempre têm sido.

DESTEMPO

Vestida de destempo
os dias voaram leves
e ao querer agarrá-los
sua memória escapou.

O esquecimento destece
os tempos já vividos
ao passo que as histórias
avançam no desconhecido.

Não morrerei de passado
nem do incerto futuro.
Existo como fluência
desaguando no vivo.

Estou no ponto cego
da existência absoluta
onde a vida toca a morte
neste instante que é meu.



AS ARMADILHAS DO OLVIDO

(Sonetinho arcaico)

Vi as rosas espigadas
da lembrança ao olvido
despojar-se de suas galas
desfeito já seu tecido.

Vi rastros do perdido
na memória ferida
à procura de sentido
nesta efêmera vida.

Mas nem com veraz mentira
nem à luz da infiel verdade
a história interior que gira

em torno da fugacidade
pode dar-se por perdida
ao viver sua liberdade.

RESPLENDORES

Estou lendo *O Livro*
em alheia casa esquiva.
Do verão que acaba
o sol se desfaz veloz
nos reflexos dourados
que atravessam a persiana.

Estou lendo *O Aleph*
no outono do lar.
Na biblioteca imaginária
nasce um universo real
iluminado pelo último sol
que atravessa a persiana.

Resplendores da memória pálida.



VISÃO ELEMENTAR

Um pássaro ferido no ar
a volúvel lua submersa.
A casa de habitar as águas
nos dias de ausência iguais.
Os vivos da lembrança livres
no seu deambular ingrátidos.
Os mortos semeando flores
no jardim secreto de infância.
O fogo do lar que não arde.
A terra prometida que se desfaz.

O OLHAR DE SOR JUANA

Óyeme con los ojos
Sor Juana Inés de la Cruz

A sábia mão estendida
levemente palpitante
à procura de mundos
que se tornam letras
em teu espelho escrito
de fulgores mil.

Primeiro sonho
na lúcida biblioteca.
De olhos bem abertos
muda surda atemporal
medindo a paixão
quando te entregas a ti.

Poeta do olhar
que nos olha
tudo é beleza
na tua cela matriz:
summa e orbe e mãe
criadora de universos.

FUGA

Nesta tarde de ocaso
dourado o sol se esfuma.
O tempo abre seu arco.
Reverberam os azuis.

A beleza é este instante.

Um pássaro fugidio
no esplendor do voo.
O fulgor do agora fugaz
que só na visão existe.

MIRADA

A noite se estende
por suas horas exiladas
que lentas andam sobre si.
O vento brama.
Estrelecidas as árvores
enlouquecem seus galhos
e os pássaros calam.
O mar invisível ao longe
delineando o horizonte vazio
com seus barcos fantasmais.

Tenho o olhar
e um tempo detido.
Escrevo enquanto miro.



ESPECULAR

As metades do mundo
entre elas o olho espelho.
Paralelas que se tocam
no reflexo interior.

A tarde se torna noite
espelhadas as duas luas:
uma verdadeira irreal
outra irreal verdadeira.



DISPAR

Era um opaco céu cincento
de súbito colorido.

Durou o que dura o instante
das luzes passageiras.
Foi o eterno inconstante
que na dispersão revela.

Tenho um olho desconsolado
que vê a fugitiva beleza
enquanto o outro olho cético
vê o tempo na sua inexistência.



SOFÍSTICA

Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora
Alberto Caiero

O céu tem nuvens viajantes
o mar ondas perpétuas
mas não é onda nem nuvem.
Os atributos dizem o essencial
em oposição à essência
que é a mais delirante ilusão.
Qualquer afirmação leva em si
o inadvertido negado.
E entre contrários se afirma
o que nunca foi nomeado
porque no existe nem foi pensado.
As palavras parecem leis
mas sua natureza é leviana.
O nome é inalcançável
puro jogo fantástico.

Com as palavras convivo
nas ondas inconstantes
nas nuvens voláteis.
Feita de palavras
eu que falo
nem sequer existo.
Dizer tudo
e realmente nada.

APORÉTICA

Que aconteça
não é prova do ser.
Tudo pode existir
Ao sair da realidade
se abre o caminho do possível
que ao agir sobre o impossível
torna-se possibilidade infinita
como dizia Lezama.

A potência é mais criativa
que os chamados fatos reais.
O irreal nos ultrapassa.
Somos invenções da vigília
figuras fantasmais.

Aviso:
Não estou brincando com ideias.
Elas brincam conmigo.



INCOMPREENSÍVEL

Se vejo a imensidão celeste jogando
aos desvanecimentos insólitos
se os pássaros voam estáticos e cantam
em um ar que se tornou visível
se impávido ante o eterno o mar ondula
na fronteira dos azuis insondáveis
se o sol clareia o dia que não termina
e a lua vela a intimidade de sua noite
se a araucária cresce até tocar
o infinito com seu movimento airoso
se a beleza do mundo se desdobra
e neste instante meus olhos a descobrem
por que estou sem remédio em agonia?

CONJECTURA

E se isto fosse

um andar desandando
um sonhar sem vigília
uma realidade de palavras
uma memória não vivida
um olvido memorável
uma alucinação cristalina
uma cicatriz de dar vida
um intervalo do infinito
uma morte renascida

talvez tivesse sentido.



POEMA POR VIR

O mais belo poema imperfeito
ainda não foi escrito.

Seria talvez um sol
escurecendo que arde
uma lua espectral
com seu erotismo pálido
um rio subterrâneo sem leito
um prisma de irisados brancos
só visíveis ao olho visionário
um artifício de palavras nascido
de fervores delicados.

Forma inalcançável que se alça
sobre a imaginação exausta.

○ GOLPE

De tão súbito
limpo e perfeito.
O que não tem fim
perdura nas mil e uma
formas inomináveis.
Destruído o amor
ficou intacto.



PERGUNTA

Ainda me pergunto
se quando elas
enlouquecidas
o dilaceraram
e às águas
da desmemória
sem lira
sem voz
sem sexo
o jogaram
foi vingança
ou justiça
por no inferno
tê-la deixado?

EGOICA

Saudade de ti
que já me disseram
não existes.
Desejo de ti
que mergulha
na imensa noite
onde tu és sonhado
como ar envolvente
enquanto teu corpo
cheiroso a hortelã
repousa na outra margem
do sono.

Fantasia de ti
que volta
quando acordas túrgido
para inaugurar a alvorada
dos intermináveis começos.

Imaginação de ti
que existes
palpitante e vivo.



NOITE EM CHIAROSCURO

*E, memória, quanto possas deste meu amor,
quanto possas, traz-me de volta esta noite.*

Konstantínos Kaváfis

Na noite me visitas
com um rosto desvalido
que já não conheço.

Nunca teu espírito
que no tempo
do desamor se desfaz.

Sempre teu corpo
estendida sua beleza
que no desejo ressurgue.

Porque tuas mãos
com sua delicadeza
de ti te salvam.

VILA ADRIANA

Porque estás morto

E contigo morreu o meu projeto de viver a condição divina.

Sophia de Mello Breyner Andresen

Nas pedras das ruínas
quero te tocar vivo
mas estás partindo de mim.

As termas estão frias.
A terra inundada por águas
que se encharcam opacas.
As solitárias colunas partidas.
As esculturas inertes.
A biblioteca jogada ao abismo.
As tabelinhas de barro
com meu nome perdido.

Avança a espessura no escuro.



LINHAGEM

Gostaria de ser da linhagem
bem-amada de Antínoo
que mal-amado escapa.

Aqui me retém um clamor
de negações afirmativas
e uma espécie de nostalgia.

Volto da memória infame
vou para outra forma
inconfessável.

E ainda não descubro
se sou de natureza extinta
ou de uma genealogia exausta.

CANTANDO CON FREDDIE MERCURY

*Love of my life, you've hurt me.
You've broken my heart
and now you leave me.
Love of my life, can't you see?*

Amor da minha vida

Que fácil foi perder o fio
que nos levaria ao intangível centro.
Que fácil foi esquecer aquele paraíso
onde a árvore da vida era êxtase
do conhecimento erótico.
Que fácil foi abandonar os corpos
que em cada encontro renasciam.
Que fácil foi seguir o caminho.

Porque estás aqui comigo

nos lampejos da memória
na palavra silenciada
na quimérica espera
no abraço que dura
na despedida que se repete
no interminável agora do amor
no instante antes da partida.

Amor da minha vida.



LEGADO

Guardo o lugar de mim
onde habitas.
Esqueco o nome e a história.
Me resta a memória infiel
agora que a tempestade paira
e o tempo acaba.

AMADO NA SOMBRA

Há uma hora em que as memórias
se tornam afluentes que escoam
no mar de todas as mortes.
Foi assim que para não te perder
me transformei em lembrança.

Comecei a buscar-te
pelos corredores do olvido
nos jardins moribundos
na biblioteca de fantasmas
nas salas apagadas
de tuas vibrantes aulas.
Quanto mais avançava
pelas passagens da memória
mais longe te sabia.
E sem lembrar me recordava.

Estavas na alta torre.
Desenhavas círculos
que se tornavam espirais
porque estávamos inconclusos.
Eramos sedutores
ao alcance dos corpos
feitos sopro vital
ao nos reconhecermos
um no outro
mas sempre alheios.

Te busquei horas e dias e anos.
Nestas palavras
ainda estou te buscando.



DESCENSO

Ando em busca do Amado
que tem todas as formas
duração imortal e eco.
Mas a morte nos antecede.
Lá no seu fundo está ele
perdido amor do tempo.

Toda noite o invoco
e transmutado em sombra
entre aromas resplandece.
Cálida onda do vento
túrgida água que em mim
abre caminhos inéditos.

Até ele desço
e na vida o acolho
para o amor sem morte.



AVISO

Eros mais fugaz que eterno
padece e a morrer se nega
embora delicioso ensaie
cada uma de suas mortes.

Mas o amado mensageiro
de Rougemont clarividente
já nos avisa: o amor-paixão
só se consoma em morte.

Tânatos vence sempre.



ÚLTIMO RITUAL

Piamente estou envolvendo
teu corpo do amor em nobre linho.
As voltas intermináveis formam
uma espiral aberta ao tempo inexorável
que logo deixará esta quimera no olvido.
As chamas urgentes crepitam e celebram.
Com ternura te deposito no leito que reverbera.

Do círculo de fogo acompanho tua descida
quando a boca vermelha do abismo te devora.
Ao redor da fogueira ancestral danço
enquanto conto a saga do peregrino incapaz.
Devolvido pela minha memória ao pó literal
entrego as cinzas ao rio sagrado da morte.
Por fim livre regresso à vida que me espera.

EXORCISMO

Submergi na não existência
que compassiva me tentava.
Aniquilada parei de respirar.
Destilei o sangue real
de um corpo fantasmagórico
que da sua memória se afastava.
Acreditei em augúrios
queimeei naves.
Consumados os rituais
respiro de novo o tempo.



O MILAGRE DOS PÃES E PEIXES

*las palabras
no hacen el amor
hacen la ausencia*
Alejandra Pizarnik

Nestes dias de ausencia
descobri que a palavra
é um demiurgo compasivo.
Contradizendo a ausencia
digo amor e amor me torno.

CRIAÇÃO

De águas indivisíveis
que fecundas nos dividem
de quiméricos refúgios
que conformam o caminho
de memórias que fulguram
em noites de grande olvido
se cria o sopro da vida.



AMANHECIDA

Um deserto de lava
por si mesmo criado
um oceano voraz
ante o ser desafiante
um fogueiro jardim
de espinhos sangrentos
um deserto celestial
de pedras escaldadas
a plenitude desafiante
da noite que acaba

abro os olhos ao dia.



NO ESPELHO

Que teus pensamentos sejam translúcidos
que a beleza te acompanhe na sabedoria
que a generosidade seja teu signo dominante
que saibas amar a novidade do mundo
que cada dia acordes renascida
que teus sonhos sejam de transfiguração
que a passagem do tempo te deixe deslumbrante
que o teu espírito voe em um arabesco sem fim
que arda sempre o amoroso fogo onde vives e dás vida.



SELFIE

Nessa foto onde estou igual
mas já sou outra
olho sem ver desde o fundo.
Triste diante de um Picasso
de coloridas figuras
sorrio.
Deixo testemunho
do venturoso desastre
de estar aqui.
E em outro lugar
que ainda não tem nome.



TEMPOS

¿Qué trama es ésta del ser, del es y del fue?

Jorge Luis Borges

Olho o tempo.

Tudo existe.

Nada é.

Fui a que escrevia cartas de amor
com a louca caligrafia da esperança.

Era um corpo que junto a ti
pelo amor dormia agasalhada.

Tenho sido uma mulher alada
nos corredores do sonho
feita de pedaços imaginários.

Serei contra todo vaticínio
a alegria do voo
que incessante me acompanha.

Sou na constância
do que acaba.

Uma ilusória escriba zen
do tempo sem palavras.



HORAS

De manhã esvaneço
agonizo ao cair do meio-dia
a tarde me encontra viva
nas visões da noite
existo quase feliz e inteira.

AGORA

A fragilidade me sustenta.
Como as flores do campo
me deixo ser quando existo.
Testemunho ruínas
mas cumpro promessas.
Com a palavra pobre
ao desconhecido me entrego.
E na beleza desvalida
tristemente me contento.



APRENDIZ

Na alta noite aprendi

que os arcanos verdadeiros
no silêncio final se revelam

que a memória é o jogo
de um oráculo sibilino

que nada nos deixa nem se vai
porque só existe esse nada

que entre o sol nascente
e o poente existe um arco
de vida cegante

que na outra vida do sonho
o poema por vir existe
com sua forma perfeita

que a palavra ao dizer
apenas toca o indizível.

Agora vou continuar sonhando.

PERGUNTA

No puro osso sem carne trêmula
ainda não reduzida ao pó apaixonado
do imortal Quevedo
ando procurando o ponto cego
entre o olhar de Medusa e Tirésias.

À pergunta de quem sou
Medusa sorrindo me diz:
o que crias.
Tiresias olha para dentro e vê
um pássaro quimérico em voo.

Procurar é se perguntar às cegas.



DESCOBERTA

Cuando acordei
estava dentro de mim
um pássaro cantando.

RELOGIO VITAL

*Tenho que arrumar a mala de ser.
Tenho que existir a arrumar malas.*
Álvaro de Campos

Hoje morri no intervalo
de um segundo.
O coração parou.
Sem respirar ouvi
seu batimento ausente.
O mundo ficou estático.

Modo singular de desviver o tempo.

Foi a certeza de estar
venturosamente preparada
feita a mala do viver
repleta e também vazia.
Reconheci a hora final
que me completaria.

Mínimo intervalo temporal.

Infelizmente esta engrenagem
começou a andar de novo.
Vi os segundos em fuga.
Concordei em recomeçar.
Me vesti de naufraga que regressa.
Desfiz a mala.

Modo singular de viver o tempo.



ÁRVORE DA VIDA

A árvore se enraíza
quando se abre ao infinito.
Em contração misteriosa
se expande e dissipa.

É uma viagem à semente.
As folhas voltam às ramas
as ramas voltam à raiz.
A terra é sua última quimera.

Desde sua altura é possível
ver-se voltar sem partir.
E desde sua profundidade
se pode falar com a morte.

A árvore olhada ao revés
como a própria vida
é lógico paradoxo do desafio.
Habito a árvore onde me desabito.

FINAL

Ninguém se deu conta.

Perdi as nuances do ocaso
e os pássaros ligeiros
da manhã que canta.
O tempo não existe mais.
São horas que se dissolvem
e o relógio as marca obstinado.
Deixei de lembrar sonhos
e o costume da espera
mas ainda tenho esta memória
que viaja para a casa abandonada.
Às vezes balanço nas lembranças
outras vou chegando ao olvido.
Tu me dizes para ir
e nem pergunto aonde se pode ir
quando os lugares acabam.
Sei que quando se apagar esta luz
a representação estará terminada.



ALELUIA

No claustro de mil e uma estâncias
ardia a vida belamente perfumada.
Resplandeciam os espíritos falantes
que contavam a laberíntica volta
para as origens intactas.

Iluminada por eles me vi
nos fragmentos dispersos.
E ao chamado volátil da palavra
amando em vão e com fé
comecei a reunir os pedaços.



REVELAÇÃO

Volto ao fundo insondável do mar matriz.
Nessa feliz viagem de descida reaparecem
meus outros rostos marcados pelo caminho
com seus nomes que já não me nomeam.

E embora jogasse com máscaras e disfarces
na profundidade me espera o prístino rosto
tão semelhante ao da minha mãe
que sem palavras nem tempo me diz:

Vai a teu encontro através de meu espelho.
Reconhece-te Amada em teu nome verdadeiro.



ERRÁTICA

Perguntei ao céu
e disse alça-te.

Perguntei ao vento
E disse desfaz-te.

Perguntei ao fogo
e disse renasce.

Perguntei à montanha
e disse sê inteira.

Perguntei à água
e disse na forma existe.

Perguntei ao lago
e disse encontra-te.

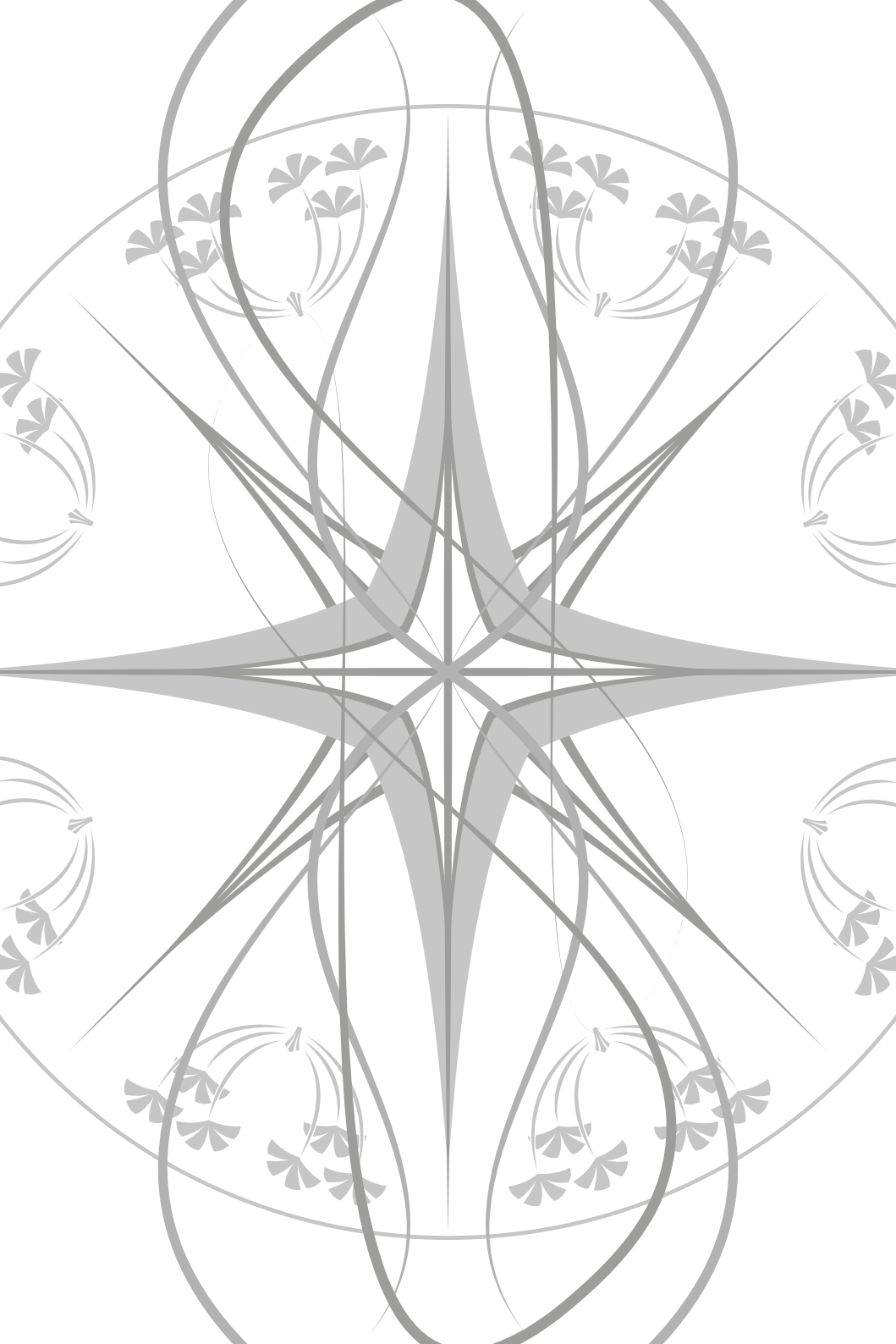
Perguntei à terra
e disse regressa.

ANUNCIAÇÃO

Um anjo translúcido
trás da porta
sorridente me diz:

Une-te a ti mesma
desanda os passos
ultrapassa o umbral
avança nas trevas
desce
até encontrar
o fio da tua alma.







POSFÁCIO

UMA REFLEXÃO DE POÉTICA:
SOBRE A METAFÍSICA FANTÁSTICA DO CONCRETO

Neste livro inspirador, e mesmo indutor de uma revisão do que o leitor julga ser o real concreto, a ficção, a imaginação e o metafísico, Aimée G. Bolaños cria o que chamo de “metafísica fantástica do concreto”, expressão que logo vou explicar.

Andante mostra tanto o caminho como a caminhante, e o caminho faz o caminhante assim como este faz o caminho em suas andanças, entre o sublime e o corriqueiro, elevados os dois a caminho de um imaginário que não conhece limites.

O livro se divide em duas partes, “Historinhas para o caminho”, modesto título que não faz jus à elaboração poética do prosaico do dia a dia, elevado a excelsos caminhos da imaginação e “Memória da viagem”, que não se refere necessariamente às “Historinhas”, mas a numerosas viagens nos mais diversos planos da vida, da ficção, da imaginação, do percurso poético no interior de si mesma da autora.

O concreto, a fantasia e a metafísica se unem em um trabalho que, indo inclusive além deles, cria a beleza de poemas sinestésicos como

Chopiniana

A quarta parede do ofício
demora as notas primeiras.
Nas pontas e de costas
estou toda trêmula rosa.

Vejo o silêncio.

Graciosamente me viro
e lembro de mim às cegas
feita prelúdio do tempo
dançando a forma da alma.

Aqui ouvimos o Chopin de nossa imaginação e dançamos com a dançarina-poeta, cuja “forma da alma” de modo algum se deixa apreender em algum ilusório molde, seja ele de linguagem ou de alguma outra coisa. Afinal, ela está “toda trêmula rosa”. Memória, imaginação e autoanálise se associam aqui a um trabalho de linguagem que cria sinestesticamente um mundo à parte, que, no entanto, nos é comunicado e nos faz por assim dizer partilhar dele.

A metafísica de que falo reside na apresentação de uma mescla de real e não real (imaginário, fantástico etc.) em que o não real se mostra bem verídico e o real parece fugidio, como se não existisse ou recuasse, mas ainda assim ficasse ao lado do real. As vivências aqui configuradas penetram em nós pela força da liberdade fantástica, mas não fantasiosa, da memória.

A referência transfigurada a eventos, sensações, imaginações cria uma sensação de irrealidade se

concretizando nos poemas, diante de nossos olhos e no âmago de nosso ser – porque os poemas nos chamam a partilhar de todos esses aspectos, criando sua realidade.

A memória, que, como inúmeros poemas mostram, não se pretende fiel, porque a poeta sempre se lembra em algum outro contexto temporalmente distante e seleciona o que faz sentido no fugaz momento da seleção. Nem por isso o vigor do lembrado, que, de eventos distantes, se tornam fatos concretos no fugaz momento de duração dos poemas.

A partir da expressividade de um passado necessariamente reconstituído pelos olhos poéticos presentes, os poemas, além disso, projetam um futuro possível para o sujeito andante, que nos convida a caminhar com ele o tempo inteiro.

Nessa mescla de momentos e pontos de vista, a autora nos convence de que nada é impossível ou mentiroso aqui, mesmo quando não aconteceu. Talvez mais verdadeiro por não ter acontecido. As próprias escolhas de construção dos versos, que, deixando de lado imposições gramaticais e outras tantas, ajudam a criar a realidade do andante, o mostram. Por exemplo,

O desejo nasceu nas tardes
quando se transformava
ajudada por um anjo trémulo
que no carnaval era bailarina
que descia a este reino sem graça.
O anjo a vestia e maquiava
diante do espelho de três corpos
a menina em um canto já imantada.

Aqui, antigas sensações relativas à vida concreta são transmutadas por versos de cunho radicalmente imaginativos. Mal se consegue fazer um pacto de

compreensão do que é apresentado. O cotidiano recordado não é descrito, mas antes objeto de uma apresentação nos termos das sensações presentes que o fato recordado evoca.

Não vemos os eventos, mas a reação da “menina” a esses eventos, que, insisto, assumem um estatuto de fatos concretos, fatos do universo da autora. Assim, a autora nos leva a aceitar a ideia de que não importam os fatos, eventos ou vivências efetivamente ocorridos, mas apenas sua versão poética, que é uma reconstituição de emoções que registram no presente as vivências passadas.

E temos mais metafísica, agora relativa tanto à constituição do mundo pelo sujeito, mas também com relação ao agir poético: as invenções são verdadeiras, porque a linguagem poética cria sua verdade. E essa é a marca desses poemas.

Outro exemplo, metalinguístico, é:

Gosto de contar sonhos
verdadeiros que invento.
Foi assim ontem à noite.

Temos aqui “sonhos”, que não são realidade, mas versões da realidade, mas que o poema diz serem, no entanto, “verdadeiros”. Ao mesmo tempo, eles são inventados. Sequer houve sonhos, mas pura invenção desses sonhos verdadeiros.

O fantástico não é, naturalmente, o dos eventos por si só. Não é que a autora sempre traga eventos fantásticos. Na verdade, os poemas mostram que, por si só, os eventos nada são, sejam ou não fantásticos. O fantástico, o estranhamento, vem do olhar lançado aos eventos pela poeta, com a cumplicidade do leitor, que ela consegue.

A autora cria um dado clima, produto indelével de sua apropriação da linguagem, e do mundo que aparece em seu caminho, em suas andanças. Com esse recurso, ela faz a linguagem dizer o indizível e ocultar os sentidos do dito, levando o leitor a uma caminhada cujo rumo ele não sabe, mas nem por isso desiste de seguir em frente. Por exemplo:

Assim marcada e careca
foi andando pela vida
como escriba de histórias
verdadeiras do não vivido
para continuar vivendo.

O ser no mundo da poeta se define aqui: viver requer unir o vivido e o não vivido, real e não real, vivências e versões imaginativas, em historinhas que descrevem um caminho e se constituem em outras memórias da viagem – talvez da viagem nunca feita ou nunca concluída.

O concreto, por sua vez, é precisamente o ponto de partida, sempre afirmado e reafirmado, que Aimée nos apresenta o tempo inteiro no universo da memória, com sua leitura poeticamente anacrônica que rompe os limites de passado, presente e futuro ao integrá-los em uma viagem da imaginação.

Esse concreto não se sustenta como tal, sendo antes transmutado pelo ponto de vista distante dos fatos envolvidos, mas mergulhado nas sensações que fizeram esses fatos permanecer vivos na memória.

Vejamos um caso exemplar:

Entre dons e oferendas
viviam em harmonia musical.
Havia duas meninas e brincávamos.
Quando me convidavam para almoçar

era a delícia dos tamales
um banquete de farinha com abacate.
E aqueles divinos pratos de estanho
onde tudo ressoava reluzia resvalava.

Os dois últimos versos, para os quais o leitor foi preparado pela junção de real e sensação, fazem que os “pratos de estanho” ressoem, reluzam e resvalam dentro de nós, chamados a conviver com as sensações que a poeta recupera de seu caminho.

Vemos assim que caracterizar este livro como exemplar de uma metafísica fantástica do concreto, é mostrar que o concreto é aqui sempre constituinte da metafísica e do fantástico, mas é transfigurado, redefinido, negado e afirmado ao mesmo tempo. Porque o concreto não vem autônomo, sendo antes constituído pela metafísica e o fantástico, estes já incluídos em uma mescla imprecisa, mas não indistinta, em que metafísica e fantástico também se constituem mutuamente.

Vejamos outro exemplo em que fantástico, concreto e metafísico se apresentam em tríade, criando um clima de caleidoscópio. Aqui temos uma espécie de síntese do agir poético de Aimée: memórias trazem fatos e referências, e estas só chegam ao nosso conhecimento transformadas pela linguagem e pela transfiguração de fatos e referência:

Depois do meio-dia

Imune aos avatares da memória
está sentada no chão escutando.

A radio anuncia “La guantanamera”
uma rara espécie de tragédia diária
com coro grego cantado.

Plácidos na cama cotidiana
antes de todas as mortes
os avós deitados vivos.
O pátio interior rumoroso
com a sua feroz gata selvagem
que amamenta.
A porta da casa entreaberta
convidando a entrar
na serenidade da tarde.

Alguém habita o espaço
imemorial do tempo.

Esses belos poemas sugerem que mesmo o inexistente é na verdade real, e que o existente pode ser duvidoso. Possível e impossível, real ou não-real existem aqui porque são objeto de uma enunciação sensívelíssima que une fantástico e concreto, e concreto e fantástico à metafísica, insisto, de modo tal que tornam imprecisos os limites entre real e não real, ou mesmo a importância eventual de distingui-los.

A imaginação do concreto transfigura memórias de infância, de um passado real, mas também traz memórias de um futuro não vivido, mas vividamente reconstituído/projetado pelo trabalho sensível da linguagem poética de Aimée. Que importa a realidade se a autora nos oferece sua realidade sensível?

Eis outro poema exemplar dessa metafísica fantástica do concreto, da mescla poética de passado, presente e futuro:

Vento

Eram virgens as tardes
quando os corpos
se entrelaçavam ávidos
na íntima distância.



Era um mundo desabitado.
Nada fora de nós.
Só vento erótico
que a voar incitava.

Eram as horas vorazes
do desejo apenas dançado
pelos futuros amantes
nas selvagens tardes do vento.

Nesses poemas, portanto, o concreto, o fantástico e o metafísico se constituem uns aos outros, em diferentes interações uns com os outros, criando uma tríade que nos chega de tal maneira que já não sabemos o que é o quê, o que é real ou não, e nos rendemos ao universo particular da autora, universo de ventos eróticos, tardes virgens, “horas vorazes”, “íntima distância”.

Ao final deste caminhar tão sugestivo, o real do poeta, que é o real que importa, passa a ser o real da linguagem e do mundo, e, em consequência, o real do leitor. Não viver ou viver, ou dizer o não viver para sobreviver – eis o enigma que nos lança essa potente voz poética em seu caminhar.

Encerro com mais um inspirador poema, uma síntese deste livro, pois a voz que aqui importa é a de Aimée:

Animais sagrados

Quando os animais sagrados sonham
não devem ser acordados.

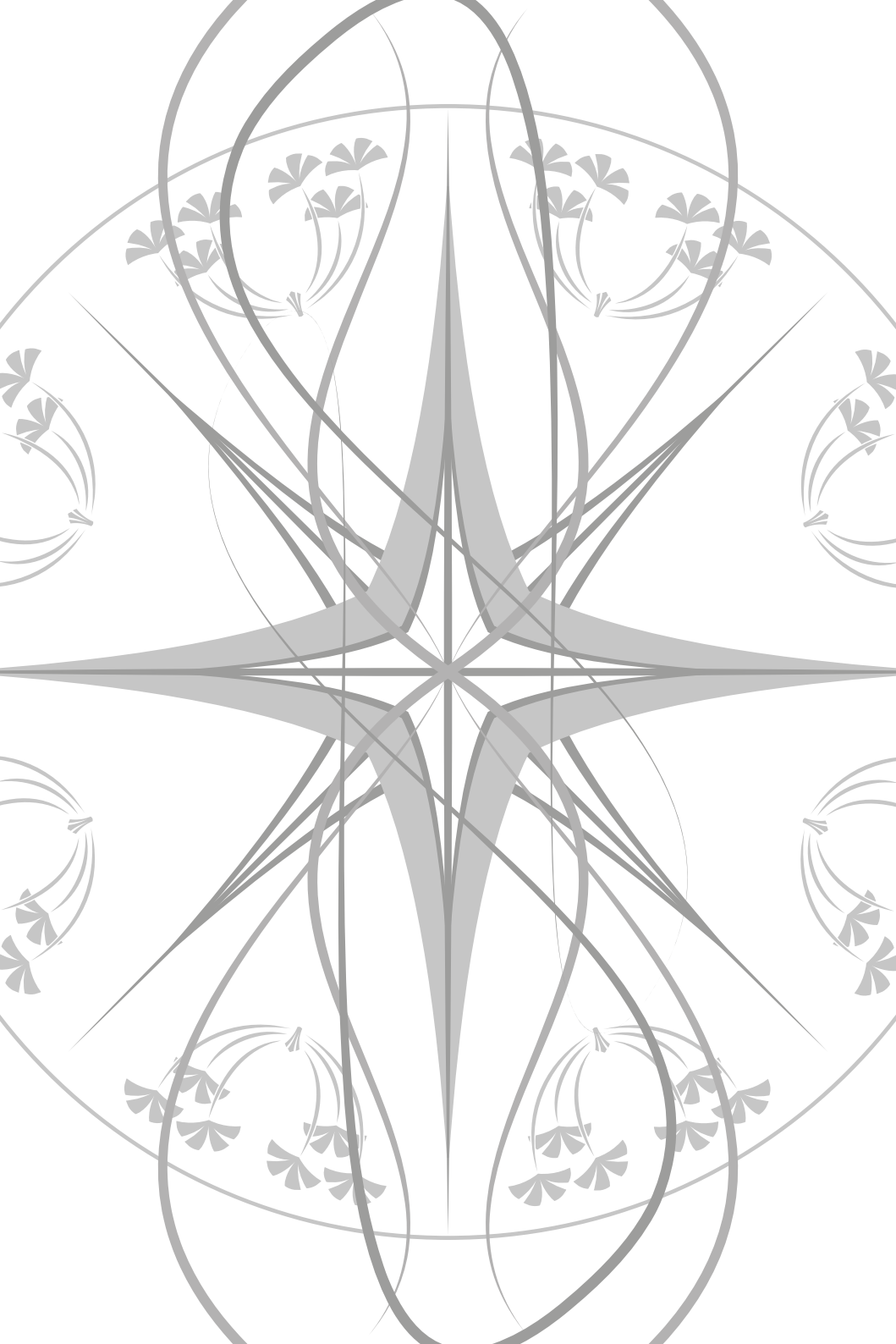
Não aprendia a ler
em pentagrama nem livro.
O conhecimento não estava
na partitura ou na página.

Era a própria seiva vital
do corpo levitando.
Quando dançava
era voo inaugural
voluta dispersa ao vento.
Dançava dentro de si
o que não cabe em palavras
com fantásticas sapatilhas rubras
e aquele exuberante turbante
de um trópico feliz falso.
Sua música interior era
de círculos espiralados
onde a beleza reinava.

Quando a imaginação sonha
não pode ser acordada.

Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral
Doutor em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem
Coordenador do PPGLetras
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)







HISTORIAS MÍNIMAS PARA EL CAMINO

*Só a ilusão
Tem passado e futuro, e nela erramos.
Não há estrada senão na sensação
É só através de nós que caminhamos.*
Fernando Pessoa

*Cuando comienzas a caminar,
el camino aparece.*
Rumi

SIEMPRE QUISE

*How sweet it would be
If I found I could fly*
Nina Simone

Era una batica azul profundo
de ordenados pliegues coloridos.
Así iba al parque del Carmen
y de los muros de la iglesia
hecha gárgola se lanzaba.

Imaginaba el vuelo
y caía.

En tierra las vueltas del carrusel cojo
los golpes secos del cachumbambé
el vaivén torcido de las hamacas
los muchachos que miraban.
Y ella elegía con quien cruzar la mirada.

Quería ser otra y volar
aún sin alas.

INICIACIÓN

*I wish I knew how
It would feel to be free.*
Nina Simone

El deseo nació en las tardes
cuando ella se transformaba
ayudada por un ángel trémulo
que en el carnaval era bailarina
que descendía a este reino sin gracia.
El ángel la vestía y maquillaba
frente al espejo de tres cuerpos
la niña en un canto imantada.

Era la hora de las historias:
del amante ilustre en el cementerio
que aún la visitaba y de los novios
que esperaban en los sillones de la sala
fumando tabacos interminables.
Era la felicidad de estar ante el espejo
donde la celebraban el ángel sin sexo
y yo de siete años ya fascinada.

En una de esas tardes decidí ser libre
para elegir no solo los amantes.
Fue así que me inicié en el antiguo arte
de la metamorfosis para el vuelo.

EPIFANÍAS DE ENFRENTÉ

Los vecinos de enfrente tenían
platos de peltre y eran felices.
Sobre todo a la hora de comer
cuando se escuchaba el contrapunto
que venía de la sala con su ruinoso piano
calmos los lechones soleados en el patio.
La familia a la mesa en silencio
y allá iban Saumell y Cervantes.

Era un orden diferente.

Entre dones y ofrendas
vivían en armonía musical.
Había dos niñas y jugábamos.
Cuando me invitaban a comer
era la delicia de los tamales
un banquete de harina con aguacate.
Y aquellos divinos platos de peltre
donde todo resonaba relucía resbalaba.



DESPUÉS DEL MEDIODÍA

Inmune a los avatares de la memoria
está sentada en el piso escuchando.

La radio anuncia “La guantanamera”
una rara especie de tragedia diaria
con coro griego cantado.
Plácidos en la cama cotidiana
antes de todas las muertes
los abuelos acostados vivos.
El patio interior rumoroso
con su fiera gata que amamanta.
La puerta de la casa entreabierta
convidando a entrar
en la serenidad de la tarde.

Alguien habita el espacio
inmemorial del tiempo.

METAMORFOSIS

Alguna vez existió una niña calva.
Lloraba su madre en el intento feroz
de sujetar lazos en la cabecita despoblada.
Toda la familia atenta a la niña
que a duras penas aprendía a leer
mientras danzaba y danzaba.
Y aunque se exhibiera de espaldas
nunca nadie descubrió que tenía
marcas de nacimiento semejantes
a muñones de un tronco seco.
Así marcada y calva
fue andando por la vida
como escriba de historias
verdaderas de lo no vivido
para seguir viviendo.
Y porque viejo muere el cisne
muchos años transcurridos
cuando la carne ni la sostenía
y los huesos crujían devastados
un repentino día de sol
surgieron primorosas las alas
de atemporal materia traslúcida
entre leves azules y doradas.

Florecida de alas y por fin
con una larga melena blanca
se perdió felizmente.
Pelo al viento sus alas se la llevaron.



ANIMALES SAGRADOS

Cuando los animales sagrados sueñan
no deben ser despertados.

No aprendía a leer
en pentagrama ni libro.
El conocimiento no estaba
en la partitura o la página.
Era la propia savia vital
del cuerpo levitando.
Cuando danzaba
era vuelo inaugural
voluta dispersa al viento.
Danzaba dentro de sí
lo que no cabe en palabras
con fantásticas zapatillas rojas
y aquel exuberante turbante
de un trópico feliz falso.
Su música interior formaba
círculos espiralados
donde la belleza imperaba.

Cuando la imaginación sueña
no puede ser despertada.

CHOPINIANA

La cuarta pared del oficio
demora las notas primeras.
En puntas y de espalda
estoy toda trémula rosada.

Veo el silencio.

Graciosamente me vuelvo
y me recuerdo a ciegas
hecha preludio del tiempo
danzando la forma del alma.



TEATRO

Eran dos niñas en el tejado
abajo las gallinas absortas en sí
como casi todos los humanos.

Eran autoras de inmortales tramas:
él llegaba de un brumoso país lejano
ella en anhelante sueño lo aguardaba.

Eran en cada historia amadas o amantes.
Ilusorias figuras que se travestían
como en el teatro shakesperiano.

Eran días en el maravilloso retablo.
El público en seca tierra de gallinas cluecas
y algún huevo para dar fe del milagro.

Eran días enteros representando
la vida como un cuento feliz realista
de las dos niñas transfiguradas.

Jugaron durante siglos y nunca lo olvidaron.

PRESAGIO

En una fiesta infantil
de carnaval con disfraces
cuando lo vi el mundo
se transformó en el instante.
Era Omar vestido de árabe
con cimitarra y media luna.
Y aquel lunar deslumbrante.

En la hora lo supe: amaba.

Fui hacia él con pasos
de tan ciertos errados.
Cuando Omar se volvió
ni siquiera me vio así
entera el alma
sin palabras.
Para siempre hechizada.

En la hora lo supe:
sería amante no amada.



VIENTO

*Let me fly away with you
for my love is like the wind,
and wild is the wind*
Johnny Mathis canta

Eran vírgenes las tardes
cuando los cuerpos
se entrelazaban ávidos
en la íntima lejanía.

Era un mundo deshabitado.
Nada afuera de nosotros.
Solo erótico viento
que a volar nos incitaba.

Eran las horas voraces
del deseo apenas danzado
por los futuros amantes
en las salvajes tardes del viento.

EL JAZMÍN UNIVERSO

En un ofendido bosque sagrado
sin relojes y de inefable espacio
entre montes leves y empinados
un mínimo jazmín de raíces gigantes
crecía solitario sin que nadie lo amara.
Era un impensado jazmín prisma
una especie muy rara de jazmín aleph
creado por fantásticas palabras reales.
Un voluntarioso jazmín transformista
de un blanco absoluto con tonos irisados
que exhalaba los aromas más espirituales
Era un jazmín prohibido de preciosa magia.
Un jazmín universo de placer inagotable.

Cuando una lenta tarde lo descubrió
nunca más estuvo sola ni fue dominada.



LA LUNA ENCANTADA

Hasta hace poco estaba aquí
y miraba la luna encantada.

Hoy su amado mira la luna por ella
y dice: cómo a Louise le gustaba.

Ahora nosotros miramos la luna
y revivimos su mirar deslumbrado.

Que esa luna de Louise en este Sur
era solo de ella y en verdad encantada.

Al partir quedó en su luna
hecha de todas las miradas.

Cuando no esté más aquí
será que alguien mirará mi luna
y dirá cómo a ella le gustaba.

THELMA Y LOUISE

En los pueblos del alba
de inmerecidas iglesias.
En el corral del origen
con sus escenas eternas.
En los campos tardíos
de la quijotesca Castilla.
En el esplendor y despojos
de la Córdoba gongorina
con su noble río dorado
y la Mezquita insondable.
En la mitológica historia
donde Averroes aún alienta
y Quevedo está agonizando.
En el amoroso martirio
al redoble del tambor
el fuego alumbrando la noche
del fin y todos los comienzos.
En los azahares memorables
de los encuentros perfumados.
En la despedida más desvalida
que nunca acaba.

De tu mano sombra y esperanza.



EL JUEGO DE LAS DESAPARICIONES

Al leer el Averroes
borgeano su escriba
se desvaneció.

En la Calle del Pañuelo
entre tanta flor colorida
el verde se fugó.

El Patio de los Naranjos
privado de perfume
sus fuentes secó.

La Mezquita universo
de la sucesión del tiempo
se escapó.

Toda huella de los pasos
que fueron dados
desapareció.

Donde nunca fuimos
ni existimos la memoria
nos creó.

EN LA GRAND-PLACE

Bajo un cielo de brumas
de contornos diluidos
deambulaba por la más bella
de todas las plazas.

A lo lejos se dejaba ver
una rueda gigantesca
engalanada de luces
que en un punto sin retorno
angustiosa giraba
con vuelcos espectrales.
Para los ojos ciegos
de los paseantes de ocasión
la rueda insomne no existía
absortos en sus propias tramas.

Vi de súbito
que la rueda era ilusoria.
Apenas un espejo convexo
que distorsionado reflejaba
el desvivir circulando.
Vacía en la asustadora subida
y lento descenso solitario.
Me reconocí perdida viajera
dando vueltas sobre sí
ausente de sus pasos.

Era la rueda más triste que jamás mirara.



VISITA

Anoche estuve en Varsovia.

Estaba de paso en un congreso.
Como siempre abandoné
los sabios salones.
Me fui a andar la ciudad.
Pero había acontecido
una hecatombe silente
y aunque Varsovia
se tornara invisible
vi seres vagando sin rostro
en una quietud de cenizas.
Vi un sol agónico
entre turbulentas nubes
y calles vacías de casas sin puertas.
Todo en ruina.

Tal vez no fuera Varsovia.
Solo yo
que caminaba por dentro.

ELOGIO DE LA DESESPERANZA

*La materia prima del arte de vivir
es la propia vida de cada persona.*

Epicteto

Solitario en un banco de la avenida
vencido sobre su cuerpo cansado
único habitante del mundo
el vendedor ofrece rehiletes
de colores que al girar convidan
a una fiesta sin invitados.

¿A quién espera venderle el inocente
correr con el aire destellando?
¿Quién en la pureza de los comienzos
elegirá el color más reluciente y rápido?
¿Será que alguien todavía desea
el humilde rehilete franciscano?

La avenida es solo ausencia
con sus bancos de colores delirantes
donde nadie está sentado.
El espacio está de vacío desbordado.
Allí el último vendedor ambulante
ajeno al tiempo espera desesperanzado.

Desde el protegido cristal de las alturas
donde también estoy esperando
veo su figura de sabiduría calma.
En la avenida de frondosos árboles
los pájaros están cantando.



TARDÍA

En el mercado chino
de una tarde de Brossard
los peces ondulan quietos
sin misterio ni destino.
Los paseantes van inmóviles.
Las frutas se pudren calmas.
En las efímeras coles
se exhibe una especie rara
de fragilidad ecuménica.
Sin metafísica ni dialéctica
leo el fin de lo real concreto
en los cangrejos con flores.
Todo aquí es inconstante
hasta las hambres pasajeras.
Cayó el Imperio Romano.
La Atlántida ha desaparecido.
El Titanic ya se hundió.
Se acabaron los relatos
no hay más mitología.
Nos comeremos vivos.
Tabla rasa es la historia
donde vegetales y humanos
yacen impávidos.

Recostada en sacos de arroz
me pregunto quién soy
y dónde estoy en esta hora.

LAS MENINAS DE BROSSARD

La lluvia es una niña de cristal azul.

Teresita Fernández

En el reino increado
del Derecho y el Revés
dos niñas de cristal
corren libres y descalzas.
Cristal de Lola violeta
cristal de Lili rosada.

Al iniciarse la ronda van
las dos de manos dadas.
Peces florecidos de babosas
y hasta la tortuga Manuelita
vienen a celebrar la danza.

Traslúcido brilla el rocío.
Renacido de la lluvia
el sol del trópico aguarda.
La isla inmóvil que viaja
ofrece eterna el escenario.

Las dos niñas de colores
danzan la felicidad
del sueño aún no soñado.
Verde tierra del sin fin
azules aguas interminables.



VISITA CELESTE

*Y bajó Pzimlítec, el de los huesos verdes,
al pie de la flor, y el que es Eterno
lo transformó en colibrí
Chilam Balam*

En mi cielo ha entrado
un trémulo colibrí
con su azul buscando
la flor de la esmeralda.

*El colibrí se transfigura
en erótico guerrero verde
de esta batalla sin fin.*

Nada le pregunto
a ese guardián del tiempo
que ha llegado hasta aquí
hecho pasión palpitante.

*El colibrí se estremece.
Flecha de jade son sus alas
de aberturas interminables.*

Nada le pregunto
al mensajero que vuelve
del reino oscuro
de la desesperanza.

*El colibrí levita.
En el aire es libre
sus alas tremolando.*

Todo espero y pregunto
al amoroso viajero
que copula con la vida
fecundando esta tierra baldía.



LOS TRABAJOS Y LOS DÍAS

*No saben cuán grande es la mitad,
más que el todo, ni cuán rico tesoro
nos brindan la malva y el asfódelo*

Hesíodo

Había una vez una hormiguita dorada
que de tanto saber todo sabía nada.
Al terminar su largo día de trabajo
rutinero y solo por eso memorable
ufana proclamó: día que feliz acaba
sabiendo que otro igual vendrá mañana.

La cigarra de intenso verde y plateada
que con otra idea de felicidad escuchaba
batió despreocupada sus cantarinas alas
y pensando desde la mitad de sí misma
sabiamente dijo: nada y todo aconteció
en este día feliz que no anticipa el mañana.

EN LA VÍSPERA

Ayer se ha suicidado el girasol.

Cayó desde un quinto piso.
El inmovible cemento
lo recibió como pérdida natural.
Tal vez el girasol aún quería
celebrar el curso del sol
con sus pétalos radiantes.
Solo que el día fue tormentoso.
De esos sin remedio oscuros
en los que uno deja de creer.

Hoy el sol está brillando.



CUENTO PLATÓNICO

Del cosmos platónico
con sus formas universales
ha caído en mi jardín
la rosa ideal encarnada.
Florecida en su perfume
la rosa perfecta se escapa
de los vaivenes del siendo
y sabe todo de lo eterno.

Rosa transida de tiempo
deshojándose melancólica
en ella reconozco la muerte.
Y filosófica me pregunto
si volverá a la forma
de perenne rosa absoluta
o si es solo rosa fugaz
de este vivir imperfecto.

Y el eco responde:
la rosa es la rosa es la rosa...

SOMBRAS

Era una caverna simbólica
tan veraz como fantástica.
Era la muy lógica locura
y la muy sabia ignorancia.
Era un mundo retorcido
de infieles reflejos mutantes.
Eran sombras sin cuerpos
eternizadas en la falta.
El creador perdido
también un simulacro.



MISTERIOS DE LA TARDE

En un gris monumental
la dulce araucaria se mecía
mientras la lluvia dejaba
sus nítidas huellas finas.

En lo más alto del cielo
se posó un pájaro común
mientras otro igual volaba
creando un universo inverso.

Y entonces al encontrarse
se transformaron en Uno.
Pájaro azul real e ilusorio
que habita el centro del universo.

Fue el mejor de los augurios.
en aquella tarde de cenizas.
Vi lo que no es ni existe
pero estaba aconteciendo.

Porque los símbolos son así
tan diáfanos como oscuros.
De súbito resplandecen
después se apagan para siempre.

MAPAMUNDI

*El dios cuyo oráculo está en Delfos
no dice ni calla: hace señal.*

Heráclito

Dominando la ciudad marina
la azotea era un solario jónico
donde las Cariátides soportaban
la turbulencia del vivir exhausto.

Desde allí se divisaban las curvas
y subidas desafiantes de un camino
que eternamente vacío conectaba
la ciudad y sus campos despoblados.

Más allá las casas eran desiertas
y sombríos los equívocos patios.
Nunca se supo si había un centro
pero hacia él todo se encaminaba.

La ciudad tenía un absurdo bosque
habitado por símbolos reclamantes
como la pared sin puerta de Pessoa
o aquella puerta solo tuya kafkiana.

De vuelta a la alucinante vigilia
en el tiempo del vivir cotidiano
reconocí los signos inequívocos
aunque nunca pude interpretarlos.



EN EL CAMINO

En el camino perdí

cinco virtudes capitales
y mil gozosos pecados.

Miro hacia atrás petrificada
lo vivido sin remedio gasto
y culpo al viento-tiempo
que todo se lo ha llevado.

En este viaje iniciático
hago un alto en el camino.
y de repente descubro:
lo único que tengo es tiempo.

Tiempo-rio heraclitano
donde las otras y yo
escribimos en las aguas
sustentadas por el viento.

LA VUELTA

Hoy tengo un sueño acabado de soñar.
Es de un blanco que se torna morado
con el aura levemente inconfundible
de toda historia de viajero extraviado.
A título de prestado ese sueño se lo di
a un poeta sin fuerzas para soñarlo.

Anoche regresó a la matriz donde fue creado.

Cuando apareció en el alba supe que era él.
Mi sueño volvía con sus signos oscilando.
En sus estancias desalojadas por el tiempo
deambulaban seres enmascarados.
Sin argumento ni imagen había sobrevivido
al azaroso viaje por el laberinto equivocado.

Escribo ahora dando noticias de su vuelta.
Solo que no consigo recordar la trama.
Sé que había caminos de espejos con mil puertas
y alguien buscando lo que no puede ser encontrado.



CLARO ENIGMA

*O que procuraste em ti ou fora de
teu ser restrito e nunca se mostrou*
Carlos Drummond de Andrade

Me gusta contar sueños
verdaderos que invento.
Así ha sido anoche.

Estaba en una cena literaria selecta.
Sentada a mi frente reconocí
a un ser fantasmal de hace muchos años
pero esa memoria no estaba en el sueño.
O tal vez sí...
Yo tenía plumas coloridas en la cabeza
y el rojo vestido de Jezabel incendiario.

Reconocí un perturbador detalle:
el vestido solo comenzaba en la cintura.
Mi torso desnudo de serpiente
se deslizaba en la mesa exhibiendo
sus apetecibles senos reales.
Hoy me he dedicado a escribir
este sueño de tan claro indescifrable.

LAS FIESTAS GALANTES

Las horas estáticas soportan
las figuras travestidas
de un falso mundo galante
donde ahora acontece
una fiesta sin fin gigante.
Maquillaje profundo
pelucas de chinches habitadas
los trajes coloridos desvaídos
que reflejan las cortinas mustias
del decadente mundo-teatro.
Aquí y allá danzantes
de esqueleto estilizado
y una música sin músicos
que improvisa un tema absurdo
de monocordes tintes opacos.
Los danzantes sus pérdidas
lloran y ríen libres de ser felices
la infelicidad representando.
En los rincones oscuros
el sexo está siendo ejecutado
en un ejercicio sin ánimo
de secas rajadas y penes pálidos.
Frutas sin estación llenas de vermes
alternan con turbios vinos ácidos.
Desilumina el salón sucio de siglos
un vasto vacío de velas.



Quien escribe también festeja
sabiendo que se repite y exagera
pero así mismo es el género
de estas fiestas de fin de tiempo
que patéticas se figuran eternas.

DEMONIOS DE LA NOCHE

*¿Si las pesadillas fueran grietas del infierno?
¿Si en las pesadillas estuviéramos
literalmente en el infierno?*
Jorge Luis Borges

Nadie los invitó o convocó
aun así el rebaño estaba ahí
hecho un mar de cabezas vagas.
Nadie tenía voz y todos hablaban.
Nadie dormía pero todos apagaban.
Nadie decía no aunque discordaran.
Sobre ellos la gran voz sin rostro
anunciaba triunfante la nueva era
de la universal violencia mesiánica
y del bárbaro delirio antihumano.
Estábamos en el ombligo del sueño
indefensos inermes paralizados
sin poder abrir la garganta y gritar
y gritar aun en silencio desesperado.
Nadie dijo que íbamos a ser comidos.
Apenas cercenada la cabeza irreverente
mutilados los impíos sentidos sexuales
arrancada la insumisa lengua palabrera
amartillados los miembros rebeldes
y con alivio finalmente triturados
devueltos al polvo que fuimos y seremos
según todos los textos llamados sagrados.

Hora de despertar.



HISTORIA SAGRADA

*Tú te quedas con todo
y me dejas desnudo y errante por el mundo,
mas yo te dejo mudo... ¡mudo!...*

León Felipe

Era un golem minúsculo
dueño del trono y el todo
ley inapelable su palabra
de fundamento universal.
Como la gloria se negaba
a consagrarlo en vida
con fantasía de actor
gritaba: Quiero morir.
Del buen amor nada sabía.
Apenas vanas rimas románticas
y metáforas de torrente exhausto.
En el aburrido hedonismo de sí
su deseo era insaciable.

Tuyo es el reino (por ahora).
Mas yo que nunca creí
te dejo aquí impotente.

LA PERLA

¡Oh mar! ¡oh mar! ¡devuélveme mi perla!
José Martí

Hubo una vez un Moro
que no se saciaba con nada.
Tenía lunáticos trajes amontonados
alfombras de incomprensibles tramas
mil y un adornos de morería falsa
un diminuto jardín colgante
de punzantes plantas desaforadas
incontables libros embalsamados
hijos trashumantes y mujeres varias.
Pero lo más apreciado de su mundo
de acumulador vano era la perla
que guardaba en lo más recóndito
de su casa-bazar de piezas estáticas.
La perla era una joya verdadera
hecha de tiempo y cordialmente sabia.
Había nacido en el fondo del mar
como dice una canción muy antigua.
Lentamente lapidada por aguas tropicales
guardaba el sonido de las tibias olas calmas
y un generoso sol que no conocía el ocaso.
Estaba llena de vida y destilaba palabras
que fluían con vocación de errancia.
Hasta hubo horas en que el Moro la amaba.
Un día infausto se cansó de la perla rara
y la arrojó al mar convulso de sus ansias.

Final triste con moraleja:
Todo el tiempo transcurrió
y el Moro aún busca la perla
que nunca volverá a habitar
su mundo de vacío abigarrado.

OTRA VERSIÓN

tú abres el cofre de tus deseos
Alejandra Pizarnik

Descubrió los sentidos
de la cajita tan real
como simbólica
que al final del viaje
aturdida y sucia del camino
tenía entre sus manos ávidas.
Entonces la abrió.
Eros absoluto
con sus todopoderosos
efluvios espirituales
penetrando en un cuerpo
transfigurado por el fuego
de la esperanza.
Y fue el desaforado placer
del conocimiento delicioso.
Éxtasis del deseo.
Estruendosa caída ciega
en delirante armonía.

Con el júbilo del gozo
supo que era el tiempo de partir
hacia la ignota muerte grande.



LA PASIÓN SEGÚN A

*Este dolor por una sola idea.
Esta angustia de cielo, mundo y hora.*

Federico García Lorca

Consulté el tablero de Ifá
Orunmilá guardó silencio.
Después peregriné
por el ombligo del mundo.
En las ruinas de Delfos
palabra de Pitia ninguna.
Ni oráculos ni pitonisas
quisieron decir como sería.

Estaba ahí esperando su hora.
Un punto ciego
donde las angustias confluyen.
Loca lucidez.
Cielo en cenizas de vívida llama.
En la memoria de sí
el cuerpo del amor
incapaz de poseer
y de olvidar
intentando apresar
lo inasible.
Sola y desnuda me vi
escuchando una voz
de ecos interminable
que repetía: huye.

Pero nada hice.
Era el propio centro
de la pasión viéndome
padecer inmóvil.

Aunque nadie lo dijera
sabía que sería así
el estallido del amor oscuro.



PARA GWENDOLYN

For years I have wanted to write a poem called
The Garden of the Thieves.
Gwendolyn MacEwen

Descendí hasta lo más profundo
en las aguas nebulosas del adentro.
Era un jardín inmerso de ojos
florecido con pinos oscilantes
y elusivos peces de niebla.

En el umbral estaba el Ladrón
que invocaba al destino
y entre sus manos mi cabeza
de ilusa Medusa decapitada
sangrando en un plato.
Esperanzado el cuerpo
que sin entender sonreía
buscaba a tientas su cabeza
y al encontrarla con gozo
se la encajó de nuevo.
En el espejo de fluidas aguas
me vi errante mujer amante
que se corona a sí misma.

Y ahora finalmente entera
te cuento esta historia feliz
de la cabeza recobrada
en el jardín prodigioso.

NÓSTOS

*¿Destino?
No, mejor: la vocación
más íntima.
Jorge Guillén*

En cada uno de sus pedazos
con tinta sangre escribió
destierro
y desmembrada la arrojó
a los mil vientos cardinales.
Todas sus bocas violadas
sin lengua ni casa ni abrigo
en soledad vagó.
Mas después de bordear
los confines del infinito
ha regresado y está escribiendo
en el abismo de la página
sus palabras erráticas.

MINOTAURO

*E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.*
Fernando Pessoa

En la caverna-laberinto
con su umbral de aguas
desnudo y quieto
el Minotauro me esperaba
convidándome a la muerte
que siempre supe
no era la suya sino la mía.

Sin vacilar entré
pero el orden impenetrable
del destino hizo que él huyera
transmutado en símbolo.
Por las horas de días y años
vagamos hasta encontrarnos
en un punto invisible del laberinto.

El Minotauro saltó sobre la vida.

Acaricié su cabeza
descomunal monstruosa
descendí a su boca devorante.
Me embriagué con la dulzura
del cuerpo intacto.
Al abismo sensual se lanzaron
todos los sentidos.

En la dualidad penetré.
Ahora oficio el misterio
de la horrible belleza.
Y del gozo interminable.
Liberados del símbolo
con sus cansadas metáforas
creamos una especie rara.

Autores de ficción buscan
mi nombre mítico
una historia con alegorías
y atributos fantásticos.
Mas siempre escapo.
Soy lo indefinible.
Lo uno y lo otro.

Las formas todas del deseo.



ARIADNA

*Porque pertenço à raça daqueles que percorrem o labirinto
Sem jamais perderem o fio de linho da palavra*
Sophia de Mello Breyner Andresen

Hay historias perdidas
apagadas por la letra oficial
y los guardianes de la ley.
Así ha sido la mía
de tan provocadora
real imposible.
Mal enhebrada desde siempre.

Mi nombre recuerda a la araña.
Tal vez porque incesante tejo
con invisibles hilos delicados
que son los más resistentes.
El hilo es mi ser verdadero.
Soy el hilo de la palabra.
Tal vez del alma.

Escribas áulicos de una remota era
inventaron que se lo di a Teseo
desleal vencedor de la muerte.
Bizantinos que eran y siguen siendo
legitimaron su versión del desafío
sin llegar hasta hoy a un acuerdo:
¿El Minotauro era bestial o humano?

Desde el inicio sabía que Asterión
esperaba con melancólica fe
a su libertador imaginario.
En los umbrales del sueño
así se lo susurré a un poeta
amante de perdedores
y devoto de laberintos.

Aquí en uso del poder volátil
de la escritura de lo no escrito
hago valer la verdad histórica
aunque ella no exista
y nadie me crea.
Fui yo quien entró en el dédalo
persiguiendo solo el deseo.

Sin límites traspasé el umbral.
Cuando lo encontré trocamos
cabezas y cuerpos y sexos.
Desafortadamente nos amamos.
Entonces descubrí que el Minotauro
era una metamorfosis de Dioniso
con sus gozosos ciclos vitales.

Y como soy el hilo de la palabra que trama
transformé la morada de Tanatos
en un laberinto sin salida ni fin.
Casa de Eros inagotable.



TI(E)RESIAS

Ya fui hombre.
tengo el don de la profecía.
Hago acontecer con la palabra
ahora soy mujer.

Y digo:

Un día fuera del tiempo
nos encontraremos
en un lugar sin nombre
que no existe.
Amar será una liturgia.
Celebración jubilosa
de todos los sexos
y sus deidades eróticas.
Fundidos los cuerpos
seremos alma gozosa.

MITOLÓGICAS

Del goce privadas
las Ménades furiosas
lo despedazan y hunden
su lírica cabeza en el río
helado de la muerte.

Isis apasionada lo busca
unge con devoción sus pedazos
recrea su delicioso falo en oro
bate las alas con fe
y amante lo resucita.

En toda historia
entre la furia y la fe
el amor es forma.



ASÍ HABLÓ EURÍDICE

*You hold love in your hand, a red seed
you had forgotten you were holding.*

Margaret Atwood

Estoy de vuelta del olvido
mi amor fue fiel en el destierro.
Estoy en tu memoria nítida
porque fui tu ser verdadero.

Cuando me perdiste en el infierno
después de tanto andar sin rumbo
en el umbral de la desmemoria
me acogí a mi sombra desolada.

Guardé las señales del tiempo
aprendí el placer de ser intacta
vestí las sutiles ropas del silencio
y las sandalias aladas de la muerte.

Por fin he vuelto con otra forma.
Mariposa negra en jubiloso duelo
innumerable semilla al viento.

Y como sé que estás dilacerado
te traigo estas granadas milagrosas
de mi constante jardín del fuego.

RETRATO

La casa atraviesa las nubes
y se pierde en el horizonte.
Igual a un *Libro de Horas*
existe dentro y fuera tiempo.
Está en la Calle del Medio
entre Buenviaje y Oficios.
Tiene un jardín interior
lleno de fantásticas plantas
que nativas del Aduanero
gracias a las correspondencias
con sus símbolos irradiantes
se tornaron casi humanas.
De tejas francesas el techo
empieza en el piano de la sala
para extenderse interminable
en el espacio musical de la tarde.
En la casa mora una jutía ladrona
junto a los dulces cateyes verdes
si bien el dios tutelar es Leo
con la dinastía de gatos.
Mucho se puede conversar
en las salas tejidas de mimbre
pero aun mejor es el silencio
cuando el día se apaga
y en la noche sin palabras
la familia recorre los pasillos
alumbrados de luna aún cálidos
por el sol de la mañana.



Y cuando llueve es la fiesta
de las gárgolas en el jardín
cuyas corrientes estancadas
forman charcos reflejantes.
Entonces es posible mirarse
jugando a las Ofelias imposibles
que siempre vivas flotan
en las huidizas aguas del patio.
Los veinte tomos del Tesoro
habitan la biblioteca aérea
donde clásicos y modernos
conviven en armonioso caos.
Imitando a sus lectores ávidos
los libros se han vuelto voraces.
En ella se puede leer a Cervantes.
También escuchar los tres golpes
cuando el piano acompaña
a las damiselas encantadoras
que entre columnas y espejos
ajenas a la crueldad del mundo
con delicada nobleza danzan.
El piso de diseños bizantinos
duplica la vida aunque nunca
nadie lo haya imaginado.

Mi casa es un laberinto en espiral
hecha de vestigios con estancias de tiempo.
Generaciones se suceden y al irse quedan.
Sabe que cuando uno se va comienza la vuelta.

AMOR

Perdí una isla que navegaba a la deriva.
Oculta en una vuelta del ciclo
ya no navega en el mar de la memoria
ni soy acogida por su brisa ondulante.
Ahora es un repertorio de visiones fugaces.
Enroscada en sí se parece al infinito
que como es impensable siempre escapa.

Cuando la isla partió de la nostalgia
encontré el verde de una tierra protegida
por aguas translúcidas y sol reverberante.
Sin conciencia de sí en sensual letargo
ha sido con pasión una y mil veces estudiada
pero como a cada vuelta del ciclo se transforma
imposible entender su metamorfosis ambulante.

No sé qué hacer con el infinito de la isla
ni con esa tierra deambulando en trance.
Duelen tanto que solo se amarlas.



SIN DESTINO

Penosamente en el camino.
Alegremente caminando.
Confundidas las huellas
perdidas las claves.

Desnuda y silente.
En veredas sin rumbo
por un desierto espinoso
de memorias irremediables.

Apenas una mochila
de objetos fantasiosos
tejida con hilos de tiempo
y repleta de vislumbres.

Preciosa carga liviana
de jeroglíficos misteriosos
que mudan con el paisaje
y por eso son indescifrables.

Sola definitivamente sola
en el camino caminando
con el deseo poderoso
de llegar a ninguna parte.

.

ANDARIEGAS

Yo misma: la memoria excava
en devastación y ruina.

Yo otra: La memoria crea
una eternidad incompleta viva.

Yo: El ser es una estación pasajera.
Juego volátil de un daimón travieso.

Otra: El ser es la casa que abriga.
Dádiva de un daimón compasivo.

Yo: Perdida en senda de sombras
me pregunto hacia dónde camino.

Otra: Celebrando las pérdidas
las sombras alumbran el camino.

Yo: El medio término está ahí
para no desesperar en el camino.

Otra: No hay medio término
si ni siquiera existe el camino.

Escucho mientras camino.



NAUFRAGIO

Sobreviví a la tormenta
aferrada a la tabla del deseo.
Recogí los míseros fragmentos
y armé mi barca de Medusa.
Navegué el tiempo en soledad.
Ningún puerto me dio abrigo
hasta descubrir una playa
de oscuras aguas interminables.
De nuevo salvé pedazos
y en el espacio del aire
construí mi casa imposible
tan semejante a la nada.

El viaje me transformó.
Tengo mil rostros reales
tan alegres como tristes
una frágil alma persistente
dos lenguas y un cuerpo sabio
que resiste a los naufragios.

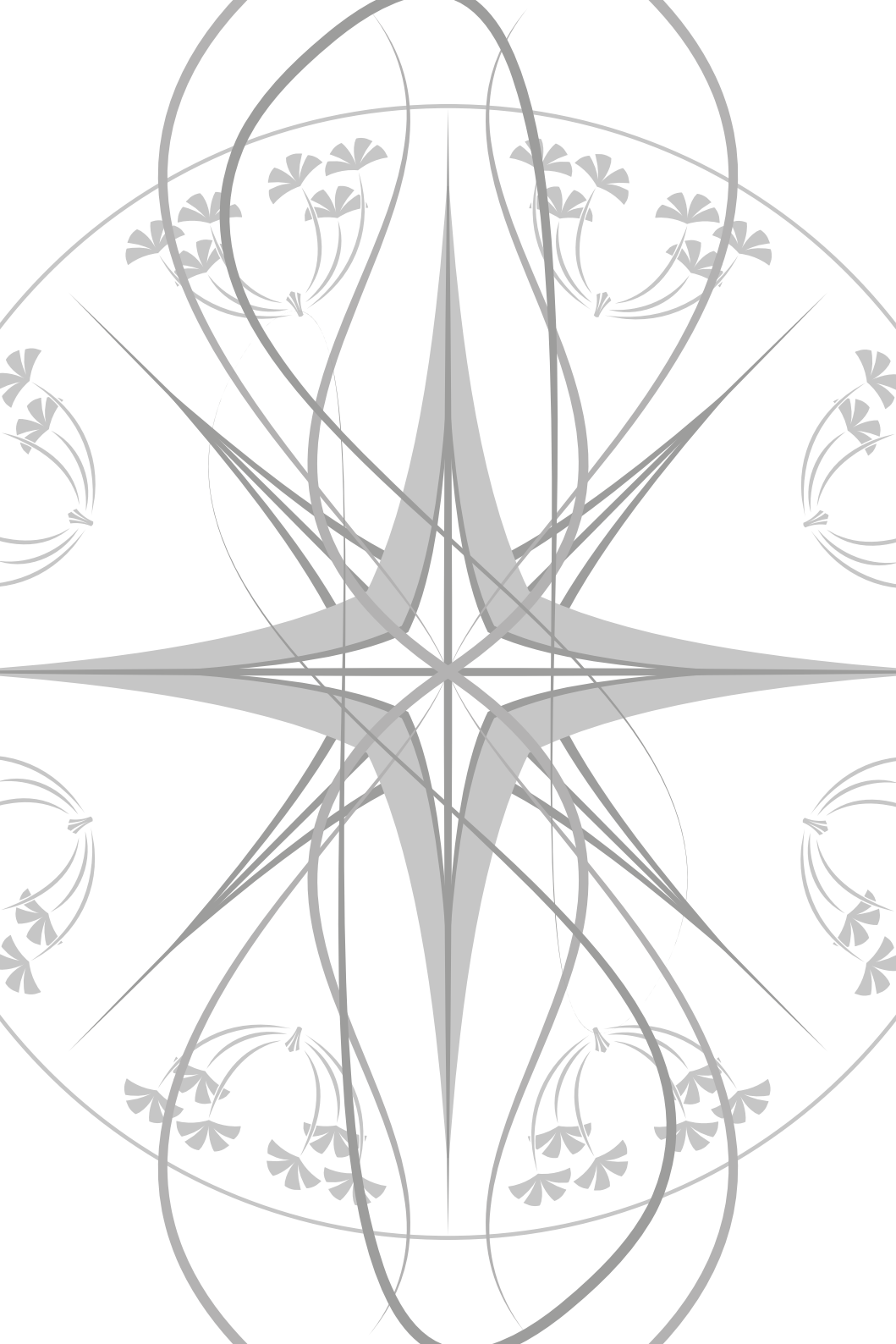
ANDANTE

*Oh, you're sure to do that,
if you only walk long enough.
Cheshire Cat*

En noche oscura y a ciegas
peregriné por una floresta
de inquisidoras presencias
que sin hablar preguntaron
por qué había errado el camino.
Fue así que entré en el reino
del insaciable Rey de Corazones
que sin piedad arrancó el mío.
Y entonces ya deshecha
me obligó a su absurdo juego.
Aposté creyendo que ganaba
cuando en verdad perdía.
Desvalijada de cuanto era mío
y de mí seguí andando el camino.
Mucho tiempo después llegué a la casa
donde me esperaba mi familia
y en la mesa de la ausencia
el corazón palpitando de amor sereno.

Reunida vi con límpidos ojos nuevos.







MEMORIA DEL VIAJE

Navego pela memória sem margens.

Cecília Meireles

Intacta memória — se eu chamasse

Uma por uma as coisas que adorei

Talvez que a minha vida regressasse

Vencida pelo amor com que a lembrei.

Sophia de Mello Breyner Andresen

O que a memória ama, fica eterno.

Adélia Prado

TRAVESÍA

*o real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*

João Guimarães Rosa

Navego mar adentro
no hay isla prometida
ni regreso.

En los escombros persiste
la casa donde me deshabeto
y un mundo sin sentido.

Entre encuentro y despedida
ando a través de lo real que no existe
en la llegada ni en la salida.

Soy travesía.



VÍAJE AL SILENCIO

El silencio es un punto de fuga.

Donde las fragilidades convergen
descubro el día del viaje
llegando en silente armonía.
Cuando de nosotros partimos
de vuelta a lo perdido
solo el silencio puede decirlo.

Ni obscenidades ni plagas
ni la violencia del poder
consiguen destruir
las palabras de vida
locuaces en su mudez
absurdas y llenas de sentido.

El silencio es un punto de partida.

INDEFINICIONES

Un hilo que no resiste.
Tierra profanada seca.
Fuego en cenizas.
Vanas palabras de sí
en un ocaso sin cielo.
Reflejo desvaído
de la sombra solitaria.
Melancolía del viaje
interminable.



DESPEDIDA

*Escuchando a Mercedes Sosa
y Astor Piazzola.*

De las simples cosas
donde amamos la vida
de las cosas amadas
donde estuvo la vida
que obstinadas
siguen existiendo
llenas de ausencia
y de tiempo detenido
como fueron nunca
como siempre han sido.

DESTIEMPO

Vestida de destiempo
los días volaron leves
y al querer atraparlos
su memoria se escapó.

El olvido desteje
los tiempos ya vividos
al paso que las historias
avanzan en lo desconocido.

No moriré de pasado
ni del incierto futuro.
Existo como fluencia
desaguando en lo vivo.

Estoy en el punto ciego
de la absoluta existencia
donde la vida toca la muerte
en este instante que es mío.



LAS TRAMPAS DEL OLVIDO

(Sonetillo arcaico)

Vi las rosas espigadas
del recuerdo al olvido
despojarse de sus galas
deshecho ya su tejido.

Vi rastros de lo perdido
en la memoria herida
a la busca de sentido
en esta efímera vida.

Mas ni con veraz mentira
ni a la luz de infiel verdad
la historia interior que gira

en torno a la fugacidad
pudo darse por perdida
al vivir su libertad.

RESPLANDORES

Estoy leyendo *El Libro*
en ajena casa esquivia.
Del verano que acaba
el sol se deshace veloz
con sus reflejos dorados
que atraviesan la ventana.

Estoy leyendo *El Aleph*
en el otoño del hogar.
Nace un universo real
en la biblioteca imaginaria
iluminado por el último sol
que atraviesa la ventana.

Resplandores de la memoria pálida.



VISIÓN ELEMENTAL

Un pájaro herido en el aire
la veleidosa luna sumergida.
La casa de habitar las aguas
con sus días de la ausencia iguales.
Los vivos del recuerdo libres
en su deambular ingrátidos.
Los muertos sembrando flores
en el patio oculto de la infancia.
El fuego del hogar que no arde.
La tierra prometida que se deshace.



LA MIRADA DE SOR JUANA

Óyeme con los ojos
Sor Juana Inés de la Cruz

La sabia mano extendida
levemente palpitante
a la busca de mundos
que se vuelven letras
en tu espejo escrito
de fulgores mil.

Primero sueño
en la lúcida biblioteca.
De ojos bien abiertos
midiendo la pasión
muda sorda atemporal
al volcarte sobre ti.

Poeta de la mirada
que nos mira
todo es belleza
en tu celda matriz:
suma y orbe y madre
hacedora de universos.

FUGA

En esta tarde de ocaso
dorado el sol se esfuma.
El tiempo abre su arco.
Reverberan los azules.

La belleza es este instante.

Un pájaro huidizo del tiempo
en su esplendor de vuelo.
El fulgor del ahora en fuga
que solo en la visión existe.



MIRADA

La noche se extiende
por sus horas exiliadas
que lentas andan sobre sí.
El viento brama.
Estremecidos los árboles
enloquecen sus ramas
y los pájaros callan.
El mar invisible a lo lejos
delineando el horizonte vacío
con sus barcos fantasmales.

Tengo la mirada
y un tiempo que no transcurre.
Escribo mientras miro.



ESPECULAR

Las mitades del mundo
y entre ellas el ojo espejo.
Paralelas que se tocan
en el reflejo interior.

La tarde se vuelve noche
de dos lunas en reflejo:
una verdadera irreal
otra irreal verdadera.



DISPAR

Fue un opaco cielo gris
súbitamente coloreado.

Duró lo que dura el instante
de las sombras pasajeras.
Fue apenas la inconstancia
que dispersando revela.

Tengo un ojo desconsolado
que ve la fugitiva belleza
mientras el otro ojo escéptico
ve el tiempo en su inexistencia.



SOFÍSTICA

Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora
Alberto Caiero

El cielo tiene nubes viajeras
El mar olas perpetúas
pero su ser no es ola ni nube.
Los atributos dicen algo esencial
en oposición a la esencia
que es una ilusión delirante.
Cualquier afirmación lleva en sí
lo inadvertido negado.
Y entre contrarios se afirma
lo que nunca fue nombrado
porque no existe ni fue pensado.
Las palabras parecen leales
pero su naturaleza es engañosa.
El nombre es inalcanzable
puro juego fantástico.

Con las palabras convivo
en las olas inconstantes
en las nubes volátiles.
Hecha de palabras
yo que hablo
ni siquiera existo.
Todo que decir
y realmente nada.

APORÉTICA

Que acontezca
no es prueba del ser.
Todo puede existir
sin ser verdadero.

Al salir de la realidad
se abre el camino de lo posible
que al actuar sobre lo imposible
se torna posibilidad infinita
como decía Lezama.

La potencia es más creativa
que los llamados hechos reales.
Lo irreal nos sobrepasa.
Somos inventos de la vigilia
figuras fantasmales.

Aviso:
No estoy jugando con ideas.
Elas juegan conmigo.



INCOMPREENSIBLE

Si veo la inmensidad celeste jugando
a los desvanecimientos insólitos
si los pájaros vuelan estáticos y cantan
en un aire que se ha tornado visible
si impávido ante lo eterno el mar ondea
en la frontera de los azules insondables
si el sol clarea el día que no acaba
y la luna vela la intimidad de su noche
si la araucaria crece hasta tocar
el infinito con su movimiento airoso
si la belleza del mundo se despliega
y en este instante mis ojos la descubren
¿por qué estoy sin remedio en agonía?

CONJETURA

Y si esto fuera

un andar desandando
un soñar sin vigilia
una realidad de palabras
una memoria no vivida
un olvido memorable
una alucinación cristalina
una cicatriz de dar vida
un intervalo del infinito
una muerte renacida

tal vez tendría sentido.



POEMA POR VENIR

El más bello poema imperfecto
aún no ha sido escrito.

Tal vez sería un sol
oscureciendo que arde
una luna espectral
con su erotismo pálido
un río subterráneo sin cauce
un crisol de irisados blancos
solo visible al ojo visionario
un artificio de palabras nacido
de fervores delicados.

Forma inalcanzable que se alza
sobre la imaginación exhausta.

EL GOLPE

De tan súbito
limpio y perfecto.
Lo que no tiene fin
pervive en las mil y una
formas innombrables.
Destruído el amor
quedó intacto.



PREGUNTA

Todavía me pregunto
si cuando ellas
enloquecidas
lo dilaceraron
y a las aguas
de la desmemoria
sin lira
sin voz
sin sexo
lo arrojaron
¿fue venganza
o justicia
por en el infierno
haberla dejado?

EGOICA

Saudade de ti
que ya me dijeron
no existes.

Deseo de ti
que se sumerge
en la inmensa noche
donde eres soñado
como aire envolvente
mientras tu cuerpo
oloroso a yerbabuena
reposa en la otra orilla
del sueño.

Fantasia de ti
que regresa
cuando despiertas túrgido
para inaugurar el alba
de los interminables comienzos.

Imaginación de ti
que existes
palpitante y vivo.



NOCHE EN CLAROSCURO

*Y cuanto de mi amor puedas, memoria,
cuanto puedas, tráemelo de nuevo esta noche.*

Konstantínos Kaváfis

En la noche me visitas
con un rostro desvalido
que no conozco.

Nunca tu espíritu
que en el tiempo
del desamor se deshace.

Siempre tu cuerpo
tendida su belleza
que en el amor resurge.

Porque tus manos
con su delicadeza
de ti te salvan.

VILLA ADRIANA

Porque estás morto

E contigo morreu o meu projeto de viver a condição divina.

Sophia de Mello Breyner Andresen

En las piedras de las ruinas
quiero tocarte vivo
pero estás partiendo de mí.

Las termas están frías.
La tierra inundada por aguas
que se encharcan opacas.
Las solitarias columnas rotas.
Las esculturas inertes.
La biblioteca volcada al abismo.
Las tablillas de barro
con mi nombre perdido.

Avanza la espesura en lo oscuro.



LINAJE

Quisiera ser del linaje
bien amado de Antínoo
que mal amado se escapa.

Aquí me retiene un clamor
de negaciones afirmativas
y una especie de nostalgia.

Vuelvo de la memoria infame.
Voy hacia otra forma
inconfesable.

Y todavía no descubro
si soy de naturaleza extinta
o de una genealogía exhausta.

CANTANDO CON FREDDIE MERCURY

*Love of my life, you've hurt me.
You've broken my heart
and now you leave me.
Love of my life, can't you see?*

Amor de mi vida

Qué fácil fue perder el hilo
que nos llevaría al intangible centro.
Qué fácil fue olvidar aquel paraíso
donde del árbol de la vida
era éxtasis del conocimiento erótico.
Qué fácil fue abandonar los cuerpos
que en cada encuentro renacían.
Qué fácil fue seguir el camino.

Porque estás aquí conmigo

en los amagos de la memoria
en la palabra silenciada
en la quimérica espera
en el abrazo que dura
en la despedida que se repite
en el interminable ahora del amor
en el instante antes de la partida.

Amor de mi vida.



LEGADO

Guardo el lugar de mí
donde habitas.
Olvido el nombre y la historia.
Me queda la memoria infiel
ahora que la tormenta arrecia
y el tiempo acaba.

AMADO EN LA SOMBRA

Existe una hora en que las memorias
se vuelven afluentes que desaguan
en el mar de todas las muertes.
Fue así que para no perderte
me transformé en recuerdo.

Comencé a buscarte
por los corredores del olvido
en las salas apagadas
de tus vibrantes clases
en la biblioteca de fantasmas
en los jardines moribundos.
Mientras más avanzaba
por los pasadizos de la memoria
más lejos te sabía.
Y sin recordar me acordaba.

Estabas en la alta torre.
Dibujabas círculos
que se volvían espirales
porque estábamos inconclusos.
Éramos seductores
al alcance de los cuerpos
hechos soplo vital
al reconocernos uno en el otro
pero siempre ajenos.

Te busqué horas y días y años.
Y en estas palabras
te estoy buscando todavía.



DESCENSO

Ando en busca del Amado
que tiene todas las formas
duración inmortal y eco.
Pero la muerte nos antecede.
Allí en su fondo está él
perdido amor del tiempo.

Cada noche lo invoco
y trasmutado en sombra
entre aromas resplandece.
Cálida ola del viento
túrgida agua que en mí
abre cauces inéditos.

Hasta él desciendo
y en la vida lo acojo
para el amor sin muerte.

AVISO

Eros más fugaz que eterno
padece y a morir se niega
aunque delicioso ensaye
cada una de sus muertes.

Mas el amado mensajero
de Rougemont clarividente
ya nos avisa: el amor pasión
solo se consume en muerte.

Tanatos siempre vence.



ÚLTIMO RITUAL

Piadosamente estoy envolviendo
tu cuerpo del amor en noble lino.
Las vueltas interminables forman
una espiral abierta al tiempo inexorable
que pronto dejará esta quimera en el olvido.
Las llamas urgentes crepitan y celebran.
Con ternura te deposito en el lecho que reverbera.

Desde el círculo de fuego acompaño tu descenso
cuando la roja boca del abismo te devora.
Alrededor de la hoguera ancestral danzo
mientras cuento la saga del peregrino incapaz.
Devuelto por mi memoria al polvo del origen
entrego las cenizas al río sagrado de la muerte.
Y al fin libre regreso a la vida que me espera.

EXORCISMO

Me sumergí en la no existencia
que compasiva me tentaba.
Anonadada dejé de respirar.
Destilé la sangre real
de un cuerpo fantasmagórico
que de su memoria se fugaba.
Creí en augurios
quemé naves.
Consumados los rituales
de nuevo respiro el tiempo.



EL MILAGRO DE LOS PANES Y PECES

*las palabras
no hacen el amor
hacen la ausencia*
Alejandra Pizarnik

En estos días en que nada pasa
pero la vida está aconteciendo
descubrí que la palabra
es un demiurgo piadoso.
Contradiendo la ausencia
digo amor y amor me he vuelto.

CREACIÓN

De aguas indivisibles
que fecundas nos dividen
de quiméricos refugios
que conforman el camino
de memorías que fulguran
em noches de todo olvido
se crea el soplo de vida.



AMANECIDA

Un desierto de lava
por sí mismo creado
un océano voraz
ante el ser desafiante
un fogoso jardín
de espinas sangrientas
un yermo celestial
de piedras escaldadas
la plenitud desafiante
de la noche que acaba

abro los ojos al día.



EN EL ESPEJO

Que tus pensamientos sean traslúcidos
que la belleza te acompañe en la sabiduría
que la generosidad sea tu signo dominante
que sepas amar la novedad del mundo
que cada día despiertes renacida
que tus sueños sean de transfiguración
que el paso del tiempo te deje deslumbrante
que tu espíritu vuele en un arabesco sin fin
que arda siempre el amoroso fuego
donde vives y das vida.



SELFIE

En esa foto donde estoy igual
pero ya soy otra
miro sin ver desde el fondo.
Triste delante de un Picasso
de coloridas figuras
sonrío.
Dejo constancia
del venturoso desastre
de estar aquí.
Y en otra parte
que aún no tiene nombre.

TIEMPOS

¿Qué trama es ésta del será, del es y del fue?

Jorge Luis Borges

Miro el tiempo.

Todo existe.

Nada es.

Fui la que escribía cartas de amor
con loca caligrafía esperanzada.

Era un cuerpo que junto a ti
dormía de amor abrigada.

He sido una mujer con alas
hecha de pedazos irreales.

Contra todo vaticinio
seré la alegría del vuelo
que incesante me acompaña.

Soy yo en la constancia
de lo que acaba.

Una ilusoria escriba zen
del tiempo sin palabras.



HORAS

De mañana desvanezco
agonizo al caer el mediodía
la tarde me encuentra viva
en las visiones de la noche
existo casi feliz y entera.

AHORA

La fragilidad me sustenta.
Como las flores del campo
me dejo ser cuando existo.
Testimonio ruinas
pero cumplo promesas.
Con la palabra pobre
a lo desconocido me entrego.
Y en la hermosura desvalida
tristemente me contento.



APRENDIZ

En la alta noche aprendí

que los arcanos verdaderos
en el silencio final se revelan

que la memoria es el juego
de un oráculo sibilino

que nada nos deje ni se va
porque solo existe esa nada

que entre el sol naciente
y el poniente existe un arco
de vida cegadora

que en la otra vida del sueño
el poema por venir existe
con su forma perfecta

que la palabra cuando nombra
apenas toca lo innombrable.

Ahora voy a continuar soñando.

PREGUNTA

En puro hueso sin carne trémula
aún no reducida al polvo enamorado
del inmortal Quevedo
ando buscando el punto ciego
entre la mirada de Medusa y Tiresias.

A la pregunta de quién soy
Medusa sonriendo me dice:
lo que creas.
Tiresias mira adentro y ve
un pájaro quimérico en vuelo.

Buscar es preguntarse a ciegas.



DESCUBRIMIENTO

Cuando desperté
estaba dentro de mí
un pájaro cantando.



RELOJ VITAL

*Tenho que arrumar a mala de ser.
Tenho que existir a arrumar malas.*
Álvaro de Campos

Hoy morí en el intervalo
de un segundo.
El corazón se detuvo.
Sin respirar escuché
su latido ausente.
El mundo se volvió estático.

Modo singular de vivir el no-tiempo.

Fue la certeza de estar
venturosamente preparada
hecha la maleta del vivir
repleta y a la vez vacía.
Reconocí la hora final
que me completaría.

Mínimo intervalo intemporal.

Lamentablemente este engranaje
echó a andar de nuevo.
Vi los segundos en fuga.
Acepté recomenzar.
Me vestí de náufraga que regresa.
Deshice la maleta.

Modo singular de vivir el tiempo.



ÁRBOL DE LA VIDA

El árbol se enraíza
al abrirse al infinito.
En contracción misteriosa
se expande y disipa.

El árbol es un viaje a la semilla.
Las hojas vuelven a las ramas.
Y las ramas regresan a la raíz.
La tierra es su última quimera.

Desde su altura es posible
verse volver sin partir.
Y desde su hondura
se puede hablar con la muerte.

El árbol mirado al revés
como la propia vida
es lógica paradoja del desafío.
Habitó el árbol donde me deshabitó.



FINAL

Nadie se ha dado cuenta.

Perdí los matices del ocaso
y los pájaros leves
de la mañana que canta.
El tiempo no existe más
son horas que se disuelven
y el reloj las marca obstinado.
Dejé de recordar los sueños
y la costumbre de la espera
pero aun tengo esta memoria
que viaja hacia la casa abandonada.
A veces me mezo en los recuerdos
otras estoy llegando al olvido.
Me dices que parta
y ni pregunto adónde se puede ir
cuando los lugares se acaban.
Sé que al apagar esta luz
la representación habrá terminado.



ALELUYA

En el claustro de mil y una estancias
ardía la vida bellamente perfumada.
Resplandecían los espíritus habladores
que contaban la laberíntica vuelta
a los orígenes intactos.

Alumbrada por ellos me vi
en los fragmentos dispersos.
Y al llamado volátil de la palabra
amando en vano y con fe
comencé a reunir los pedazos.

REVELACIÓN

Vuelvo al fondo insondable del mar matriz.
En ese feliz viaje de descenso reaparecen
mis otros rostros marcados por el camino
con sus nombres que ya no me nombran.

Y aunque jugara con máscaras y disfraces
en la hondura me espera el prístino rostro
tan semejante al de mi madre
que sin palabras ni tiempo me dice:

Ve a tu encuentro a través de mi espejo.
Reconócete Amada en tu nombre verdadero.



ERRÁTICA

Pregunté al cielo
y dijo álzate.

Pregunté al viento
y dijo deshazte.

Pregunté al fuego
y dijo renace.

Pregunté a la montaña
y dijo sé entera.

Pregunté al agua
y dijo en toda forma existe.

Pregunté al lago
y dijo encuéntrate.

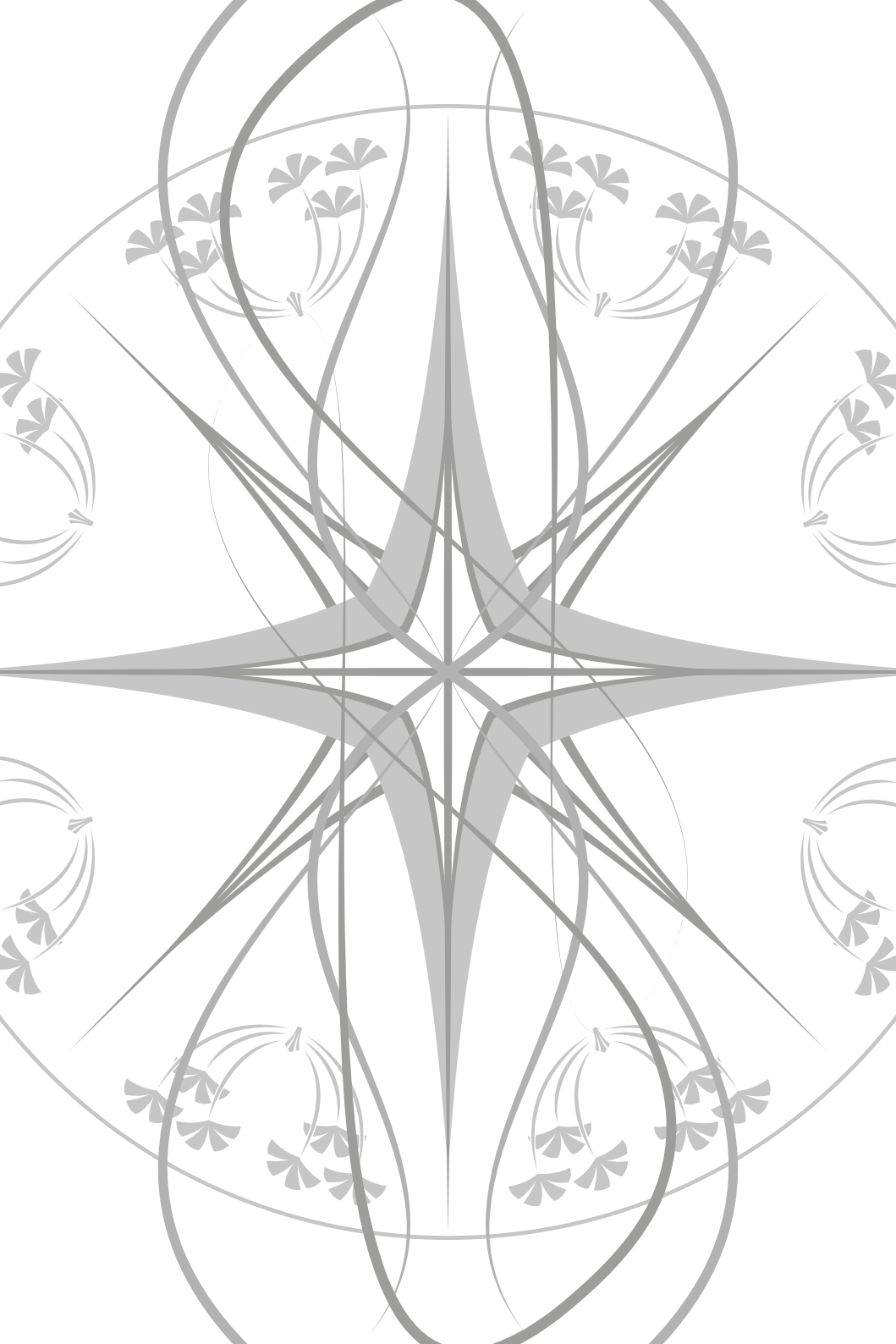
Pregunté a la tierra
y dijo regresa.

ANUNCIACIÓN

Un ángel traslúcido
detrás de la puerta
sonriente me dice:

Únete a ti misma
desanda los pasos
traspasa el umbral
avanza en la tiniebla
desciende
hasta encontrar
el hilo de tu alma.







POSFACIO

UNA REFLEXIÓN DE POÉTICA:
SOBRE METAFÍSICA FANTÁSTICA DE LO CONCRETO

En este libro inspirador, también inductor de una revisión de lo que el lector juzga ser lo real concreto, la ficción, la imaginación y lo metafísico, Aimée G. Bolaños crea lo que llamo “metafísica fantástica de lo concreto”, expresión que a seguir voy a explicar.

Andante muestra tanto el camino como el caminante, y el camino hace al caminante, así como este hace el camino en sus andanzas entre lo sublime y lo común, elevados los dos a camino de un imaginario que no conoce límites.

El libro se divide en dos partes, “Historias mínimas para el camino”, modesto título que no hace justicia a la elaboración poética de lo prosaico del día a día elevado a excelsos caminos de la imaginación, y “Memoria del viaje”, que no se refiere necesariamente a las pequeñas historias, sino a los numerosos viajes en los más diversos planos de la vida, de la ficción, de la imaginación, de la trayectoria poética en el interior de sí misma de la autora.

Lo concreto, la fantasía y la metafísica se unen en un trabajo que, al ir más allá de ellos, crea la belleza de poemas sinestésicos como

Chopiniana

La cuarta pared del oficio
demora las notas primeras.
En puntas y de espalda
estoy toda trémula rosada.
Veo el silencio.
Graciosamente me vuelvo
y me recuerdo a ciegas
hecha preludio del tiempo
danzando la forma del alma.

Escuchamos al Chopin de nuestra imaginación y danzamos con la bailarina-poeta, cuya “forma del alma” en modo alguno se deja aprehender en ilusorio molde, sea de lenguaje o de alguna otra especie. Al final, ella está “toda trémula rosada”. Memoria, imaginación y autoanálisis se asocian a un trabajo de lenguaje que crea sinestésicamente un mundo aparte, que, sin embargo, nos es comunicado e nos hace, por así decirlo, ser parte de él.

La metafísica de que hablo reside en la presentación de una mezcla de lo real y lo no real (imaginario, fantástico) en la que lo no real se muestra verídico y lo real parece fugitivo, como si no existiera o reculara, aun así quedándose lo no real al lado de lo real. Las vivencias configuradas penetran en nosotros por la fuerza de la libertad fantástica, pero no fantasiosa, de la memoria.

La referencia transfigurada en los eventos, sensaciones, imaginaciones crea una sensación de

irrealidad que se concretiza en los poemas, ante nuestros ojos, en el centro de nuestro ser – porque los poemas nos llaman a compartir todos esos aspectos, creando *su* realidad.

La memoria, como inúmeros poemas muestran, no se pretende fiel, porque la poeta siempre recuerda en algún otro contexto temporalmente distante y escoge lo que tiene sentido en el fugaz momento de la selección. Ni así se pierde el vigor de lo recordado, eventos distantes se tornan concretos no momento fugaz de la duración de los poemas

A partir de la expresividad de un pasado necesariamente reconstituido por la visión poética presente, los poemas, más allá de eso, proyectan un futuro posible para esa mujer andante, que nos convida a caminar con ella todo el tiempo.

En esa mezcla de momentos y puntos de vista, la autora nos convence de que nada es imposible o mentiroso aquí, hasta cuando nunca sucedió. Tal vez más verdadero por no haber acontecido. Las propias elecciones de construcción de los versos, dejando de lado imposiciones gramaticales y otras tantas, ayudan a criar la realidad de la andante y lo muestran. Por ejemplo,

El deseo nació en las tardes
cuando ella se transformaba
ayudada por un ángel trémulo
que en el carnaval era bailarina
que descendía a este reino sin gracia.
El ángel la vestía y maquillaba
frente al espejo de tres cuerpos
la niña en un canto imantada.

Antiguas sensaciones relativas a la vida concreta son transmutadas en versos de cuño radicalmente



imaginativo. Difícilmente se consigue hacer un pacto de comprensión de lo que es presentado. El cotidiano recordado no es descrito, sino objeto de una presentación en los términos de las sensaciones presentes que el hecho recordado evoca.

No vemos los eventos, sino la reacción de la “menina” ante esos eventos concretos, que, insisto, asume un estatuto de hechos concretos del universo autorial. Así, la autora nos lleva a aceptar la idea de que aquí no importan si los hechos, eventos o vivencias efectivamente sucedieron, sino su versión poética, que es una reconstitución de emociones que registran en el presente las vivencias pasadas.

Y tenemos aquí más metafísica, ahora relativa a la constitución del mundo por el sujeto, también en relación con la actuación poética: las invenciones son verdaderas, porque el lenguaje poético crea su verdad. Y esa es la marca de esos poemas.

Otro ejemplo, metalingüístico, es:

Me gusta contar sueños
verdaderos que invento.
Así ha sido anoche.

Tenemos, en este caso, “sueños” que no son realidad, sino versiones de la realidad, pero el poema dice que, aun así, son “verdaderos”. Al mismo tiempo, son inventados. Ni siquiera hubo sueños, solo pura invención de esos sueños verdaderos.

El fantástico no es, de modo natural, el de los eventos únicamente. No es que la autora siempre traiga eventos fantásticos. En verdad, los poemas muestran que, por si solos, los eventos nada son, sean o no fantásticos. El fantástico, el extrañamiento viene de la mirada de la poeta sobre los eventos, con la complicidad del lector.

La autora crea un determinado clima, producto indeleble de su apropiación del lenguaje y del mundo que aparece en su camino, en sus andanzas. Con ese recurso, hace al lenguaje decir lo indecible y ocultar los sentidos de lo dicho, para llevar al lector a una caminata cuyo rumbo no conoce, si bien no desiste de seguir adelante. Por ejemplo:

Así marcada y calva
fue andando por la vida
como escriba de historias
verdaderas de lo no vivido
para seguir viviendo.

El ser en el mundo de la poeta se define: vivir requiere unir lo vivido y lo no vivido, real y no real, vivencias y versiones imaginativas, en mínimas historias que describen un camino y se constituyen en otras memorias del viaje – tal vez del viaje nunca hecho o nunca concluido.

Lo concreto, por su vez, es precisamente el punto de partida, siempre afirmado y reafirmado, que Aimée nos presenta el tempo entero en el universo de la memoria, con su lectura poéticamente anacrónica que rompe los límites de pasado, presente y futuro al integrarlos en un viaje de la imaginación.

Ese concreto no se sustenta como tal, antes será transmutado por el punto de vista distante de los hechos involucrados, pero sumergidos en las sensaciones que hicieron a esos hechos permanecer vivos en la memoria.

Veamos un caso ejemplar:

Entre dones y ofrendas
vivían en armonía musical.
Había dos niñas y jugábamos.
Cuando me invitaban a comer



era la delicia de los tamales
un banquete de harina con aguacate.
Y aquellos divinos platos de peltre
donde todo resonaba relucía resbalaba

Los dos últimos versos, para los que el lector fue preparado por la junción de lo real y su sensación, hacen que los “platos de peltre” resuenen, reluzcan y resbalen dentro de nosotros, llamados a convivir con las sensaciones que la poeta recupera de su camino.

Vemos así que caracterizar este libro como ejemplar de una metafísica fantástica de lo concreto, es mostrar que lo concreto es aquí siempre constituyente de la metafísica y de lo fantástico, pero transfigurado, redefinido, negado y afirmado al mismo tiempo. Porque lo concreto no viene autónomo, ha sido antes constituido pela metafísica y lo fantástico, ya incluidos en una mezcla imprecisa, si bien no indistinta, en la que metafísica y fantástico también se constituyen mutuamente.

Veamos otro ejemplo en el que lo fantástico, concreto y metafísico se presentan como tríada, creando un clima de caleidoscopio. Tenemos una especie de síntesis del proceder poético: memorias traen hechos y referencias, y estas solo llegan a nuestro conocimiento transformadas por el lenguaje y por la transfiguración de actos y referencia:

Después del mediodía

Inmune a los avatares de la memoria
está sentada en el piso escuchando.

La radio anuncia “La guantanamera”
una rara especie de tragedia diaria
con coro griego cantado.

Plácidos en la cama cotidiana
antes de todas las muertes
los abuelos acostados vivos.
El patio interior rumoroso
con su fiera gata que amamanta.
La puerta de la casa entreabierta
convidando a entrar
en la serenidad de la tarde.

Alguien habita el espacio
inmemorial del tiempo.

Esos bellos poemas sugieren que hasta lo inexistente es una verdad real, y que lo existente puede ser dudoso. Posible e imposible, real y no-real existen aquí porque son objeto de una enunciación sensibilísima que une fantástico y concreto, y concreto y fantástico a la metafísica, insisto, de modo tal que tornan imprecisos los límites entre real y no real, o la importancia eventual de distinguirlos.

La imaginación de lo concreto transfigura memorias de infancia, de un pasado real, también trae memorias de un futuro no vivido, pero vívidamente reconstituido/proyectado por el trabajo sensible del lenguaje poético. ¿Qué importa la realidad se a autora nos ofrece *su* realidad sensible?

He aquí otro poema ejemplar de esa metafísica fantástica de lo concreto, de la mezcla poética de pasado, presente y futuro:

Viento

Eran vírgenes las tardes
cuando los cuerpos
se entrelazaban ávidos
en la íntima lejanía.



Era un mundo deshabitado.
Nada afuera de nosotros.
Solo erótico viento
que a volar nos incitaba.

Eran las horas voraces
del deseo apenas danzado
por los futuros amantes
en las salvajes tardes del viento.

En esos poemas, por tanto, lo concreto o fantástico y lo metafísico se constituyen unos a otros, en diferentes interacciones unos con otros para criar una tríade que nos llega de tal manera que ya no sabemos qué es lo que es, lo que es real o no, y nos rendimos al universo particular de la autora, universo de vientos eróticos, tardes vírgenes, horas voraces, íntimas lejanías...

Al final de este caminar tan sugestivo, lo real de la poeta, que es lo real que importa, pasa a ser lo real del lenguaje del mundo, y, en consecuencia, lo real del lector. No vivir o vivir, o decir y no vivir para sobrevivir – he aquí el enigma que instaura esa potente voz poética en su caminar.

Termino con un inspirador poema, una síntesis de este libro, pues la voz que aquí importa es la de Aimée:

Animales sagrados

Cuando los animales sagrados sueñan
no deben ser despertados.

No aprendía a leer
en pentagrama ni libro.
El conocimiento no estaba
en la partitura o la página.
Era la propia savia vital

del cuerpo levitando.
Cuando danzaba
era vuelo inaugural
voluta dispersa al viento.
Danzaba dentro de sí
lo que no cabe en palabras
con fantásticas zapatillas rojas
y aquel exuberante turbante
de un trópico feliz falso.
Su música interior formaba
círculos espiralados
donde la belleza imperaba.

Cuando la imaginación sueña
no puede ser despertada.

Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral
Doutor em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem
Coordenador do PPGLetras
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)



Este livro foi produzido nas famílias tipográficas
Crimson Text e Cinzel Decorative, impresso em papel
Avena 90gr e capa em Cartão Triplex 300gr.



o sexo da
PALAVRA

www.osexodaPALAVRA.com
osexodaPALAVRA@gmail.com



AIMÉE G. BOLAÑOS (Cuba-Brasil). Leitora e escriba de ficção. Professora de literatura da pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande, Brasil. Professora adjunta da University of Ottawa, Canadá. Doutora em Filosofia. Pós-doutora em Literatura Comparada. Autora de numerosos livros, capítulos de livros e artigos em revistas latino-americanas, canadenses, européias. Livros de ensaio mais recentes: *Poesía insular de signo Infinito. Una lectura de poetas cubanas de la diáspora e Oficio de lectora*. Como co-autora: *Vozes negras da literatura das Américas, Ficções da história, Identidades em diálogo*. Obras de ficção: *El Libro de Maat, Las Otras (Antología mínima del Silencio), Las palabras viajeras, Escribe, Visiones de mujer con alas, El juego de los trigramas/O jogo dos trigramas, Alada viajera, Erótica Medusa. Poesía amorosa/Erótica Medusa. Poesía amorosa*. Aparece em diversas antologias poéticas, entre elas: *Catedral Sumergida e De labirintos e espirais. Sete poetas de Rio Grande*. Atualmente dedica-se à poesia de autoria feminina, poética e autopoética. Gosta de inventar identidades, também de imaginar andanças, meigalhos e vôos.

AIMÉE G. BOLAÑOS (Cuba-Brasil). Lectora y escriba de ficción. Enseña literatura en la pósgraduación en Letras de la Universidade Federal do Rio Grande, Brasil. Profesora adjunta de la University of Ottawa, Canadá. Doctora en Filosofía. Posdoctora en Literatura Comparada. Autora de numerosos libros, capítulos de libros e artículos en revistas latinoamericanas, canadienses, europeas. Libros de ensaio recientes: *Poesía insular de signo Infinito. Una lectura de poetas cubanas de la diáspora y Oficio de lectora*. Como co-autora: *Vozes negras da literatura das Américas, Ficções da história, Identidades em diálogo* Obra de ficción: *El Libro de Maat, Las Otras (Antología mínima del Silencio), Las palabras viajeras, Escribe, Visiones de mujer con alas, El juego de los trigramas/O jogo dos trigramas, Alada viajera, Erótica Medusa. Poesía amorosa/Erótica Medusa*. Aparece en diversas antologías poéticas, entre ellas: *Catedral Sumergida y De labirintos e espirais. Sete poetas de Rio Grande*. Actualmente se dedica a la poesía de autoría femenina, poética y autopoética. Le gusta inventar identidades, también imaginar andanzas, descensos y vuelos.